



Ministério

Novembro - Dezembro de 2004

Uma revista internacional para pastores e obreiros



Devocional
Réquiem e
ressurreição de
um caído

Ética
Flertando com
o inimigo

A evangelização
das metrópoles



Julia W. Norcott
 Editora associada de Ministry

A mensagem de Tiago

Muitos de nós nos sentimos sobrecarregados, e às vezes orgulhosos, em nossas múltiplas tarefas. Temos as responsabilidades da profissão, deveres cívicos, assistência aos desafortunados, deveres da igreja, preocupações financeiras e comunitárias, além do temor da violência desenfreada.

Para os cristãos, no entanto, há um modo mais seguro de enfrentar as pressões: estabelecer prioridades. E na ordem de importância delas, depois do nosso relacionamento com Deus, está o cuidado pessoal (Êxo. 20:3), que inclui as dimensões física, mental e espiritual da vida (I Cor. 6:19). Então vêm o relacionamento conjugal (Efés. 5:25-33) e as responsabilidades pelos filhos (Deut. 7:7), além das obrigações com o mundo que nos cerca.

Na verdade, as pressões são relativas e subjetivas. Como bem sabemos, há pessoas em circunstâncias muito piores que as nossas, o que deve nos tornar sempre agradecidos, contando as bênçãos, e nos levar a pensar mais nos outros do que em nós mesmos. Um olhar reflexivo no livro de Tiago, particularmente o capítulo 1, pode ser especialmente ajudador.

Ao reler esse capítulo dias atrás, pensei que talvez ainda não nos deixamos envolver pelo impacto de sua mensagem. Gostamos do verso 2, porque ele nos incentiva a ser alegres em meio às provas. Sentimo-nos reafirmados pelo verso 5, que nos promete sabedoria dada “liberalmente” por Deus, se Lhe pedirmos. Mas nossa tendência é quase ignorar o verso 21. Precisamos aceitar humildemente a Palavra de Deus a qual, plantada em nós, ajudará a nos proteger e, desse modo, salvar-nos. A idéia de proteção divina é agradável, mas a de humildade é absorvida com menor facilidade. Humildade também significa aceitação. Não é algo como: “Todos eles estão errados, e eu sou o maior”; ou “sei que terei minhas estrelas no Céu por levar este fardo que não mereço carregar”.

Depois de tudo, não fomos chamados a carregar nossos fardos sozinhos. Jesus fez isso e muito mais, por nós. Os talhos das chicotadas, os golpes dos espinhos, os furros dos cravos não foram o pior do Seu sofrimento. Além da dor física, Ele sofreu o peso da culpa de todos os nossos pecados, ficando de tal maneira oprimido que

não pôde sentir a presença do Pai. Sofreu essa agonia por nós. Lembremo-nos disso, quando começarmos a sentir que carregamos sozinhos nossos fardos.

Eu sei que Deus nos conhece e tem misericórdia de nossas fraquezas humanas. Também acredito que é nossa responsabilidade, tomar tempo para ler e absorver o verdadeiro significado das mensagens que Ele nos dá através da Bíblia. É fácil ler, por exemplo, Tiago 1:14 e 15, e imaginar que outras pessoas precisam ouvir e aprender como devem tratar os semelhantes. Balançamos a cabeça ao longo de um sermão que, em nosso entendimento, algumas pessoas necessitam ouvir. Mas, pelo menos parte desse sermão pode ser aplicada a nós, se a ouvirmos atentamente e de coração aberto.

Tiago 1:14 e 15 lembra-nos que todo indivíduo “é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte”. Seguramente essa advertência aplica-se a todos nós que somos tentados a centralizar-nos em nós mesmos, durante o sofrimento, sem oração e abertura ao desenvolvimento da verdadeira humildade que é o ingrediente básico de tudo na vida.

Perseverança sem humildade não produz um caráter semelhante ao de Cristo, que tanto desejamos possuir. No contexto da mensagem de Tiago, devemos aceitar humildemente, não com autojustificação, a Palavra de Deus plantada em nós, de modo que nosso caráter se torne amadurecido e completo (v. 4).

Em outras palavras, aceitar toda a Palavra de Deus é aceitar a obra de Deus em nós, em sua forma pura. Qualquer insinuação de que somos os melhores e os mais sábios – aquela insinuação secreta que nos leva a agir segundo nossos caprichos – não é apenas arrogante, mas também impura.

Todos nós oramos para que nosso caráter seja moldado segundo a vontade de Deus. Junto com a oração, precisamos tomar tempo para meditar e absorver as palavras de Deus. Pessoalmente, estou trabalhando para entregar todos os problemas nas mãos do Senhor que me fortalece e me faz aceitar humildemente Seus dons. **M**

Aceitar a Palavra

de Deus é

permitir que Ele

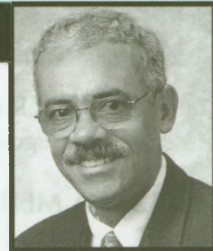
nos purifique



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34,
18270-970 Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial,
por qualquer meio, sem prévia autorização
escrita do autor e da editora.



O desafio metropolitano

O calendário escatológico adventista assinala uma época quando o povo de Deus, sob a recrudescência da intolerância religiosa, deverá sair das grandes cidades: “Não está muito distante o tempo em que, como os antigos discípulos, seremos forçados a buscar refúgio em lugares desolados e solitários. Como o cerco de Jerusalém pelos exércitos romanos era o sinal de fuga para os cristãos judeus, assim o arrogar-se nossa nação o poder no decreto que torna obrigatório o dia de repouso papal será uma advertência para nós. Será então tempo de deixar as grandes cidades, passo preparatório ao sair das menores para lares retirados em lugares solitários entre as montanhas.” – *Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 166.

Mas até chegar esse momento, há dever para ser cumprido: “Quem se preocupa com as grandes cidades? Uns poucos apenas; pouca, porém tem sido a atenção dedicada a essa obra em comparação com as necessidades imensas e as inúmeras oportunidades.” – *Ibidem*, vol. 3, págs. 333 e 334.

“O mundo precisa ser advertido. Muitos lugares me são indicados como estando necessitados de esforços, consagrados, fiéis e infatigáveis. Cristo está abrindo o coração e a mente de muitos em nossas grandes cidades. Estes precisam das verdades da Palavra de Deus; e se estabelecermos comunhão sagrada com Cristo, e buscarmos entrar em contato com essas pessoas, far-se-ão impressões para bem. Precisamos despertar e entrar em afinidade com Cristo e com os nossos semelhantes. As cidades grandes e pequenas e as localidades próximas e distantes, precisam ser trabalhadas, e isso com sabedoria. Nunca recueis. Se trabalharmos em unísono com o Espírito de Deus, o Senhor fará as devidas impressões nos corações.” – *Ibidem*, pág. 436.

À Igreja foi confiada a missão de proclamar o “o evangelho eterno ... aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo e língua e povo” (Apoc. 14:6), e nada existe que deva intimidá-la diante dessa tarefa. As tempestuosas mudanças socioeconômicas, o secularismo pós-modernista, a crescente violência das metrópoles, e mesmo o terrorismo facínora, representam grandes desafios a serem enfrentados e vencidos ao invés de barreiras diante das quais devamos recuar. “Se trabalharmos em unísono com o Espírito de Deus”, o Senhor nos indicará os caminhos para a conquista de muitos corações, perdidos nas selvas de pedra.

Como diz Leighton Ford, em seu livro *A Igreja Viva*, à página 186, “devemos evangelizar, não porque temos certeza de obter sucesso e demonstrar nossa relevância, não porque podemos entender todas as implicações do nosso testemunho em prol da vida pessoal e social futura, mas porque Jesus Cristo, que é o Grande Mestre Estrategista, nos manda fazê-lo e porque cremos que Ele não permitirá que a Sua Palavra volte vazia”. **M**

Zinaldo A. Santos

- 11 • LIDERANÇA E ASSERTIVIDADE**
O segredo de um líder confiável e carismático.
- 13 • A MEDIDA DO ÊXITO**
Como Deus avalia o sucesso de um pastor.
- 17 • A EVANGELIZAÇÃO DAS METRÓPOLES**
Uma base teológica para o evangelismo nas grandes cidades.
- 21 • SEM PERDER O RUMO**
Conselhos para evitar as distrações pastorais.
- 23 • RÉQUIEM E RESSURREIÇÃO DE UM CAÍDO**
Reflexão sobre como devemos tratar irmãos que caíram espiritualmente.
- 27 • SALVEMOS NOSSOS FILHOS**
Medidas preventivas contra os perigos que rondam a família pastoral.
- 29 • FLERTANDO COM O INIMIGO**
Cuidados que o pastor deve ter em seu relacionamento com o sexo oposto.



SEÇÕES

- 2** SALA PASTORAL
- 3** EDITORIAL
- 4** CARTAS
- 5** ENTREVISTA
- 8** AFAM
- 9** PONTO DE VISTA
- 15** IDÉIAS
- 32** MURAL
- 34** RECURSOS
- 35** DE CORAÇÃO
A CORAÇÃO

**“A igreja e a Missão
estão inextricavelmente
ligadas. Elas devem
permanecer juntas ou
morrerão separadas.”**

R. Clifford Jones



Presente de Deus

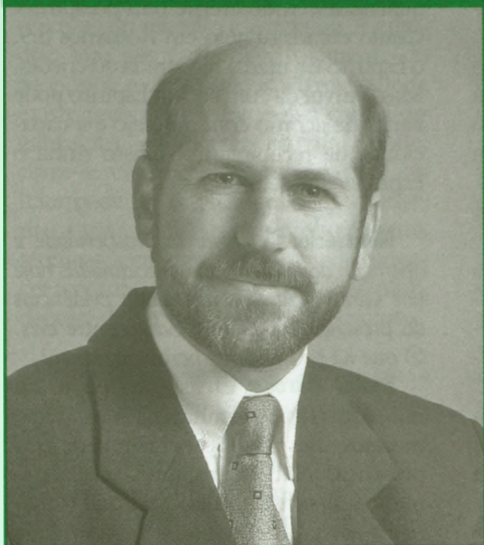
Sou esposa de pastor e verdadeiramente desfruto a leitura de Ministério.

O artigo intitulado “Presente de Deus”, de Miroslav Kis foi muito bem escrito. Foi uma das melhores explicações que já recebi sobre como o pecado sexual afeta os seres humanos diferentemente de outros pecados. Esse artigo também me ajudou a compreender melhor a história de José. Ele não fugiu da esposa de Potifar simplesmente porque temia as consequências de um ato impuro, ou porque estivesse preocupado em manter boa reputação diante dos semelhantes, muito menos porque temesse a ira do seu patrão, esposo da inescrupulosa mulher.

A primeira razão pela qual José fugiu da mulher de Potifar foi sua decisão de não pecar contra Deus. Ele sabia que não podia aceitar as insinuações da mulher sem comprometer seu relacionamento com o Senhor. Em segundo lugar, José também sabia que as lembranças daquele ato, caso fosse cometido, permaneceriam em sua mente, e ele teria dificuldade para removê-las daí. Esse fato poderia comprometer a pureza e a paz de sua futura vida conjugal.

O pecado simplesmente não compensa.

Ruth A. Ross, St. Joseph, Missouri,
Estados Unidos



Daniel Oliveira

Tempo do Espírito

Zinaldo A. Santos

O Pastor Marcos De Benedicto pertence a uma tradicional família adventista do sul de Minas Gerais. É casado com Luciene A. Vital De Benedicto, professora pós-graduada em psicopedagogia, que trabalha no Colégio Adventista de Tatuí. O casal tem dois filhos: Tiago e Larissa. Após concluir o curso de Teologia no IAE em 1985, o Pastor Marcos iniciou seu ministério na então Missão Mineira do Sul.

Em 1987, foi chamado para ser redator na Casa Publicadora Brasileira, onde atua há 17 anos. Formado em Jornalismo, cursou também o mestrado em Teologia. Em julho, defendeu a sua tese de Doutorado em Ministério na Universidade Andrews, Estados Unidos, sobre o papel do Espírito Santo na capacitação dos crentes para o ministério. É para falar sobre esse tema tão importante que o entrevistamos.

Ministério: Por que escolheu escrever uma tese sobre o Espírito Santo?

Pastor Marcos: Houve dois motivos básicos. Primeiro, eu queria ter um conhecimento mais aprofundado do tema, que me empolga desde que escrevi uma dissertação de mestrado sobre milagres. Depois, sentindo que a compreensão adventista é muito focalizada no dom de profecia, vi a necessidade de tentar ampliar essa visão, mostrando que o Espírito

tem uma multiplicidade de funções, com uma variedade de efeitos. A pneumatologia adventista é altamente influenciada pela sua escatologia. Penso que o mais correto seria a escatologia ser governada pela pneumatologia, pois é o Espírito quem está no controle do cosmos e da igreja. O estudo aborda o papel do Espírito como capacitador. O enfoque principal é a obra do Espírito, mas inclui também a personalidade e a divindade do Espírito. Discuto os vários tipos de atuações do Espírito, o fruto, os dons espirituais, a continuidade dos dons miraculosos e as implicações da pneumatologia para a missão da igreja. Em 470 páginas, não dá para fazer justiça ao Espírito, mas creio que o trabalho é esclarecedor e pode ser bastante útil à igreja.

Ministério: Qual a sua avaliação sobre os atuais questionamentos feitos à personalidade e à divindade do Espírito Santo?

Pastor Marcos: A crise parece não ser puramente doutrinária ou teológica. É uma combinação de questionamentos administrativos, mudança de mentalidade, redescoberta do pensamento inicial dos pioneiros e reflexos do contexto teológico atual. O trágico é que o “debate” não é feito num clima de cordialidade. O estudo é essencial e pode ser refinado, mas deve ser feito no espírito do Espírito. É incrível ver a rapidez

com que alguns querem resolver um problema tão complexo que tem confundido os neurônios dos melhores teólogos ao longo dos séculos. Mas nossa igreja tem uma tradição de defesa da liberdade individual e do conceito da luz progressiva, e não desestimula a pesquisa sincera, a reflexão sadia.

Ministério: Quem é o Espírito Santo?

Pastor Marcos: Essa pergunta tem uma resposta curta e uma longa. A resposta curta é: o Espírito Santo é Deus. Onde o Espírito está, Deus está, do mesmo modo que onde Cristo está, Deus está. No Novo Testamento, há uma equivalência dinâmica entre Deus, Cristo e Espírito, sem ofuscar a distinção entre Eles. A resposta longa é tão longa que ainda não é definitiva. O Espírito é um mistério, e a pneumatologia está em pleno desenvolvimento. No livro *Atos dos Apóstolos*, páginas 51 e 52, Ellen White diz que a natureza do Espírito é um “mistério” e que não é essencial tentar definir exatamente o que é o Espírito. Se pudéssemos entender totalmente a Deus, exauriríamos a Sua personalidade e com o tempo pariríamos de crescer. Não estou dizendo que é impossível conhecer a Deus. Contudo, ninguém penetrou na intimidade de Deus para dizer exatamente como Ele é. Cristo é a revelação final do caráter de Deus, mas apenas uma revelação tangen-

cial do ser de Deus. Por isso, não devemos tentar definir a Divindade de modo dogmático. Temos de abordar o tema com humildade, oração e adoração.

Ministério: *Que tipo de argumento bíblico indica que o Espírito é pessoal e divino?*

Pastor Marcos: Várias linhas de argumentos podem ser usadas para defender a personalidade e a divindade do Espírito, como os nomes, os pronomes, os atributos, as associações e as tarefas. Alguns intérpretes, baseados em I Coríntios 2:11, identificam o Espírito com a mente de Deus. O Espírito teria a mesma relação para com Deus que a mente humana tem para com o ser humano. Ou seja, a mente é a própria pessoa. Esse argumento, usado pelos unitarianos, parece fazer sentido em face da visão holística adventista. Porém, a Bíblia apresenta outros dados, que devem ser levados em consideração. Por exemplo, em Romanos 8:27, Paulo diz que Deus conhece a mente do Espírito. Se o Espírito é a mente de Deus, como interpretar que Ele tem uma mente? Os autores bíblicos às vezes usam expressões impessoais em relação ao Espírito, como “batizar”, “deramar”, “encher”, “selar” e “ungir”. Mas essa linguagem metafórica não deve ser considerada evidência conclusiva de impessoalidade, pois os autores bíblicos usam o mesmo tipo de linguagem em referência a Moisés ou a Cristo. Os israelitas foram “batizados” em Moisés e “beberam” da rocha/Cristo (I Cor. 10:2 e 4). Os crentes são “batizados” em Cristo e “revestidos” de Cristo (Rom. 6:3; Gál. 3:27). As palavras podem ser figuradas e ter mais de um sentido. Em resumo, podemos dizer que o Espírito é pessoal e divino porque Deus é pessoal e divino. Mesmo que a personalidade do Espírito não estivesse clara na Bíblia, a linguagem da personalização é onipresente em todo o Novo Testamento.

Ministério: *Defina o papel do Espírito na vida do crente e da igreja.*

Pastor Marcos: O Espírito é o energizador ou animador do crente e da igreja. É o ar, o oxigênio, o sopro de vida. Sem ele, tudo vira estrutura ou maquinaria morta. Estritamente falando, não existe crente ou igreja sem o Espírito. Só pelo Espírito, que nos sintoniza com Deus, temos consciência de quem é Cristo. Sem a iluminação e a afetividade do Espírito, Cristo seria apenas uma figura histórica distante. A Bíblia não passaria

de um clássico antigo. O Espírito é a fonte de poder para uma vida ética e ativa. É quem nos motiva a “ser” e “fazer”. Ele reproduz a imagem de Cristo no crente e cria uma comunidade unida pelo amor. Acima de tudo, o Espírito infunde a certeza do amor divino num nível pessoal, tornando o crente consciente de seu status como filho de Deus.

Ministério: *O que é o batismo com o Espírito Santo e quando ele ocorre na experiência do crente? Existe alguma diferença entre receber o Espírito e ser batizado com o Espírito?*

Pastor Marcos: Isso depende da perspectiva teológica adotada. Em geral, os católicos identificam essa experiência com o batismo sacramental na água. Alguns calvinistas a conectam exclusivamente com os eventos do Pentecostes. Já os pentecostais a classificam como uma experiência única e definitiva que

“O ministério orientado pelos dons é a arte de colocar as pessoas certas nos lugares certos, pelos motivos certos”

ocorre na vida do crente após a conversão. Num sentido histórico, o batismo com o Espírito foi o Seu poderoso derramamento, no Pentecostes e que é disponível ainda hoje, embora não necessariamente com os mesmos fenômenos e sinais. No nível individual, é a apropriação diária, pela fé, da vida e do poder de Deus. A metáfora do batismo enfatiza a totalidade e a profundidade da experiência, não o fator tempo. Na perspectiva adventista, a experiência é renovável. Se a metáfora do nascer do Espírito é uma maneira de dizer que a transformação que ocorre na vida do crente envolve forças divinas/sobrenaturais, a metáfora do batismo com o Espírito indica o controle total pelo Espírito, resultando

em poder, ousadia e amor, entre outras qualidades. Todo crente tem o Espírito. Como enfatiza Paulo em Romanos 8:9, o Espírito é a marca registrada do cristão. Mas o nível da “unção” do Espírito pode variar de acordo com o desejo e a capacidade de recebimento. Cristo tinha o Espírito em plenitude.

Ministério: *Teologia da prosperidade e operação de milagres são proclamadas hoje por vários grupos como sendo evidências da presença do Espírito Santo entre eles. O que há (ou não) de pertinente nisso?*

Pastor Marcos: O Espírito pode, ou não, estar ligado a milagres. Mas, por si mesmos, eles não são evidência de Sua presença. Não quero fazer um julgamento superficial, mas diria que a maneira como a teologia da prosperidade vem sendo explorada em alguns círculos revela a influência de outros espíritos. A maior evidência da presença do Espírito é o amor. Esse é o teste real.

Ministério: *Segundo Christian Schwarz, entre as marcas de uma igreja de qualidade estão os “ministérios orientados pelos dons”. Fale sobre esse conceito.*

Pastor Marcos: A pesquisa de Schwarz revelou que a liderança da igreja saudável ajuda os membros a identificar seus dons e a integrá-los nos ministérios apropriados. A igreja deve criar ministérios para canalizar e potencializar todos os dons, pensando nos membros antigos e novos, no aspecto interno e no externo. A Comissão de Nomeações não pode apenas cumprir o seu ritual de preencher cargos, sem considerar, com oração e estudo, os dons disponíveis. A fim de atender a uma necessidade da igreja, a pessoa pode até fazer algo de que não goste muito, mas, como regra, deveria fazer o que lhe desperta paixão. O ministério orientado pelos dons é a arte de colocar as pessoas certas nos lugares certos, pelos motivos certos, para conseguir os melhores resultados. Isso faz a pessoa se sentir mais motivada e dependente do Espírito, produzindo crescimento pessoal e corporativo.

Ministério: *O conceito de crescimento de igreja às vezes envolve estratégias comuns ao mundo dos negócios. É apropriado recorrer a técnicas seculares para aplicá-las aos negócios espirituais?*

Pastor Marcos: A igreja só é um empreendimento espiritual quando é liderada pelo Espírito. Caso contrário, tor-

na-se apenas um negócio. É possível liderar a igreja sem o Espírito, aplicando técnicas do mundo, e conseguir resultados. Mas isso é um desvirtuamento do propósito e da missão da igreja. Onde existe preocupação excessiva com a organização, em detrimento da missão, corre-se esse risco. Naturalmente, um líder pode ser impressionado pelo Espírito a usar, com sabedoria e bom senso, técnicas seculares. Porém, se ele esquecer a natureza espiritual do seu trabalho, deixará de ser instrumento do Espírito.

Ministério: *Sacerdócio dos crentes e dons espirituais são conceitos interrelacionados?*

Pastor Marcos: A idéia de um sacerdócio universal implica que todo crente foi chamado para algum tipo de ministério e é capacitado pelo Espírito. Todo sacerdote é ungido para officiar. De igual modo, o crente é capacitado para ministrar. Ninguém recebe o dom apenas para a satisfação pessoal. O crente não tem de ficar pensando se foi chamado ou não. Todos os crentes são chamados, embora não para serem pastores de tempo integral. O crente deve apenas descobrir qual é a maneira mais efetiva de ministrar. A diferença entre o clérigo e o leigo é apenas funcional.

Ministério: *O que é dom espiritual e o que é talento? As duas coisas estão relacionadas? Como podem contribuir para a missão?*

Pastor Marcos: Alguns teólogos defendem que dons e talentos são conceitos opostos. O talento seria uma habilidade natural, enquanto o dom seria uma capacidade sobrenatural. Mas o apóstolo Paulo, autor do melhor tratado breve sobre o assunto, nunca estabeleceu essa oposição entre a esfera natural e a sobrenatural. Ele coloca, por exemplo, compaixão e milagres na mesma categoria de dom. Todas as capacidades vêm de Deus, através de Cristo, e são operadas pelo Espírito. Além disso, Ellen White usa os dois termos intercambiavelmente. Para ela, quando dedicamos nossos talentos naturais ou adquiridos ao serviço de Deus, o Espírito os purifica, enobrece e refina. Viramos canais de bênçãos. Assim, se o talento for usado para glorificar a Deus e edificar o Seu reino, ele pode ser um dom. Toda capacidade que serve de veículo para o Espírito tem a qualidade básica para ser um dom. O Espírito não anula a personali-

dade e as potencialidades do crente; ao contrário, eleva-as ao máximo.

Ministério: *Podemos esperar que todos os crentes tenham todos os dons? É correto ao crente pedir determinado dom espiritual?*

Pastor Marcos: Nenhum crente tem todos os dons, nenhum crente não tem nenhum dom e nem todos os crentes têm os mesmos dons. Por isso, uns dependem dos outros. Não vejo problema em alguém pedir um dom, desde que seja para glorificar a Deus e não para se exaltar. Mas o Espírito é soberano na decisão de concedê-lo ou não. Em geral, a pessoa não recebe o dom de uma hora para a outra, mas tem de desenvolvê-lo.

Ministério: *Através de que técnicas ou práticas o crente pode descobrir e desenvolver seus dons espirituais?*

Pastor Marcos: As fontes sobre esse

“O pastor precisa mais de um alto ‘QE’ (Quociente do Espírito) do que de um alto ‘QI’ (Quociente de Inteligência)”

assunto estão aumentando em quantidade e qualidade. Eu sugeriria os seguintes passos: (1) oração e abertura ao Espírito Santo (“O que Deus quer de mim?”); (2) exploração do potencial através de questionários e outras ferramentas (“Quais são meus possíveis dons?”); (3) observação de crentes dotados (“Como eles agem?”); (4) experimentação dos dons (“Que ministério posso desenvolver?”); (5) análise dos sentimentos (“Eu gosto disto?”); (6) avaliação da eficiência (“Quais foram os resultados?”); (7) confirmação da igreja (“O que os outros pensam?”). Os questionários e inventários são úteis, mas não indispensáveis. Lembremos que o apóstolo Paulo, um dos crentes mais dotados de todos os tempos, não precisou deles. O desenvolvimento vem com o estudo, a prática e a contínua entrega do dom ao Espírito.

Ministério: *O que envolve o dom de pastorear? Como um líder espiritual, o pastor tem necessariamente que ser um superdotado?*

Pastor Marcos: O pastor é chamado para evangelizar, discipular, capacitar, equipar, inspirar, motivar, proteger, amar, aconselhar e curar o povo. Uma de suas maiores tarefas é multiplicar “pastores” na sua congregação, ministrando e mostrando como se ministra. Ele deve descobrir talentos e canalizá-los para a missão. O pastor precisa ser superdotado pelo Espírito, não superdotado pelos padrões humanos. Precisa mais de um alto “QE” (Quociente do Espírito) do que de um alto “QI” (Quociente de Inteligência). Um humilde vaso de barro pode ser mais acessível e útil ao Espírito do que um caro e luxuoso vaso de ouro.

Ministério: *“Chuva temporã” e “chuva serôdia” são conceitos adventistas muito conhecidos. Como vê a igreja e o ministério em relação a eles?*

Pastor Marcos: Muita gente fala de reavivamento e chuva serôdia, mas não percebe que podemos ter uma experiência real com o Espírito agora. É como se só olhássemos para épocas douradas no passado e no futuro. O discurso sobre o Espírito passa a ser quase apenas uma estratégia retórica para justificar uma interpretação profética. Esse não é o ensino bíblico. A Bíblia sugere uma “segunda vinda” do Espírito com grande poder no futuro, mas também fala de uma vinda escatológica já em andamento desde o Pentecostes, que foi a validação do sacrifício de Cristo e a confirmação da entronização de Cristo no Céu. O Espírito é recebido pela fé, mas a plenitude da Sua manifestação em nossa vida e na igreja depende da nossa abertura. A idéia de esperar um grande milagre do Espírito no futuro, negligenciando a experiência com o Espírito hoje, pode ser perigosa. Não podemos manipular o Espírito, nem confundir-lo com emocionalismo, mas também não devemos considerá-lo frio e árido. Em geral, somos fortes na teologia cerebral, mas deficientes na espiritualidade experiencial. É preciso ter um equilíbrio entre doutrina e experiência, o elemento intelectual e o emocional. O Espírito nos impacta integralmente. Precisamos e podemos tê-lo agora. É assim que abalaremos o mundo com o anúncio da volta de Jesus. **M**

Você não está só

Deus sempre está perto de nós, esperando que aceitemos Seu abraço restaurador



Meibel Guedes

Coordenadora da Área Feminina da Associação Ministerial na União Sul-Brasileira

Em algum momento de sua vida, porventura você teve a sensação de que estava só? Mesmo estando em uma grande cidade, andando por uma rua movimentada, deparando-se com muitas pessoas que andavam apressadamente de um lado para outro, observando o intenso tráfego de veículos, mergulhada no burburinho do comércio, ainda assim, você sentiu que estava só?

Muitas pessoas vivem próximas; em condomínios fechados ou em edifícios de apartamentos. Existem aquelas que fazem parte da sua vizinhança, morando em frente ou ao lado de sua casa. Há outras, ainda, que dividem o mesmo teto com familiares, colegas de trabalho ou estudo. Porém, muitas dentre essas pessoas se sentem sozinhas.

Visitei, recentemente, uma jovem senhora, mãe de duas crianças. Em um momento da nossa conversa, ela declarou: “Sinto muita necessidade de me comunicar com alguém. Meu esposo trabalha o dia todo e temos pouco tempo para ficar juntos. Como me especializei em artesanato, vou colocar uma placa no portão anunciando ‘aulas de pintura’. Pode ser que alguma vizinha venha à minha casa, com interesse nas aulas. Então terei alguém com quem conversar, compartilhar minhas cargas, trocar idéias, e sentir que tenho um braço amigo para me aliviar as cargas, ao cuidar das tarefas do lar.”

Nos braços do Senhor

Não há dúvida de que precisamos de um braço amigo, alguém que tenha rosto, a quem posamos olhar nos olhos e sentir a sinceridade de suas palavras e ações. No entanto, o braço amigo e fiel a que desejo me referir nesta oportunidade são os braços do Senhor.

Por mais fortes que sejam os laços de amizade humana, esses laços não nos satisfazem tanto como os braços do Senhor. Neles encontramos proteção, segurança e tranquilidade. Sentimos o

perdão que promove a restauração da nossa vida; a cura interior que dissipa os males da existência e nos devolve uma mente renovada e equilibrada. Podemos recorrer a Jesus em busca de conforto para qualquer crise existencial, porque Ele não falhará. O Senhor não nos abandonará, não nos deixará sozinhos. Esse sentimento restaurador foi prometido por Deus a todo aquele que crê.

Muitas pessoas tentam preencher o vazio interior procurando realizar grandes empreendimentos, correndo em busca do poder material e da satisfação pessoal. Vivem procurando “vãs filosofias”, fama, sucesso terreno, ganho financeiro precível, lisonja e aplausos.

De alguma forma, cada uma dessas buscas pode se tornar um substituto de Deus em nossa vida; mas, ao final de cada conquista, surgirão novamente o vazio e a insatisfação. “As coisas do mundo não podem satisfazer aos seus anseios. O Espírito de Deus insta com eles a fim de que só busquem aquelas que, unicamente, podem proporcionar paz e descanso – a graça de Cristo, a alegria da santidade.” (*Caminho a Cristo*, pág. 28). Somente quando permitimos que seja feita a vontade de Deus em nossa vida é que são satisfeitos os anelos do coração.

Paz e segurança

Se, por acaso, você esteve durante toda a vida tentando saciar a sede do ganho, das conquistas e do êxito material, existe Alguém que pode preencher-lhe todo o vazio da alma. Ele é mais do que uma visita semanal; é muito mais do que um braço amigo pode oferecer. Ele é a vida, pois “nEle tudo subsiste” (Col. 1:15). Os braços do Senhor Jesus foram estendidos na cruz do Calvário como prova da amplidão do amor que alcança a todo o que nEle crê, oferecendo vida eterna.

No livro *Caminho a Cristo*, já citado anteriormente, encontramos estas belas palavras de conforto, à página 55: “O grande coração de Amor infinito inclina-Se para o pecador com ilimitada compaixão. ‘Temos a redenção pelo Seu sangue, a remissão das ofensas.’ Efés. 1:7. Sim, tão-somente crede que Deus é vossa ajuda. Ele quer restaurar no homem Sua imagem moral. A medida que dEle vos aproximardes, em arrependimento e confissão, Ele Se aproximará de vós, com misericórdia e perdão.”

Somente nos braços do Senhor Jesus encontramos a paz e a segurança daquele amor incondicional, que apenas espera nossa aceitação completa. E Ele não está longe de qualquer de nós. Encontra-se bem perto, esperando poder nos abraçar. Permita você também que Ele enxugue suas lágrimas, cure suas feridas e remova suas dores. Deixe que Ele preencha a sua vida e lhe dê força espiritual. **M**

As crianças e a Ceia do Senhor

O serviço da comunhão é uma ordenança para cristãos que podem racionalmente crer



Moisés Mattos

Secretário da Associação Sul-Rio-Grandense

Pode uma criança não batizada participar da Santa Ceia? Com tantos outros motivos para nos preocuparmos, essa é uma questão aparentemente sem importância. Mas, considerando que estamos lidando com crianças em formação, cujo comportamento futuro pode ser afetado por qualquer atitude no presente, devemos pensar no assunto.

Em virtude de que nem a Bíblia, escritos de Ellen White nem o *Manual da Igreja* estabelecem uma posição dogmática sobre o que fazer em tal caso, deparamo-nos às vezes com diferentes opiniões entre os membros da igreja. Há os que defendem a participação das crianças não batizadas na Ceia, baseando-se na refeição pascal do antigo Israel (Êxo. 12:21-26). Argumentam que aquele era um ato do qual participava toda a família, incluindo as crianças. Outro grupo crê que a participação das crianças deveria ser evitada, uma vez que elas ainda não compreendem o significado da cerimônia.

Qualquer posição a ser tomada sobre o assunto deve passar pelo crivo dos princípios bíblicos relacionados com o respeito às coisas sagradas. E também deve ser acompanhada por diálogo entre pais, professores, pastores e crianças envolvidas. Embora não apresente declarações categóricas sobre a questão, a Bíblia permite inferências que nos ajudam a tomar decisões a seu respeito.

Razões contrárias

Acredito que deveríamos aconselhar as crianças, com muito tato e amor, a não participar do serviço da Comunhão, por alguns motivos:

Primeiramente, a Santa Ceia, assim como o batismo, é uma instituição para crentes (Mat. 28:19 e 20). Ao observarmos com atenção a narrativa dos Evangelhos, veremos que eles situam a Ceia do Senhor como sendo ministrada aos crentes em Jesus e que formavam a nascente igreja cristã.¹ Frank Holbrook, argumentando que ela é um ritual de grande significado para os cristãos, assim se expressou: “A Ceia do Senhor, então, é obviamente um ritual para cristãos, isto é, para aqueles que conhecem a Cristo como Salvador e Senhor. Os não-cristãos e aqueles que ainda não têm idade para racionalmente entregar a vida a Cristo, naturalmente não deveriam participar.”²

Em segundo lugar, a festa da Páscoa, por mais importante que seja, não pode ser usada para validar atitudes na Ceia, pelos seguintes motivos: 1) A refeição pascal era familiar (Êxo. 12:21), e a Ceia é uma refeição grupal. 2) A Páscoa do Antigo Testamento apontava para Cristo, a verdadeira Páscoa (I Cor. 5:7). Ao usarmos essa festa para explicar pormenores da Ceia do Senhor, estamos usando sombra para autenticar a realidade, o que é inviável na interpretação do assunto.

O que está subjacente em Êxodo 12:26 é um propósito didático, ou seja, ensinar às crianças o significado redentor incluído na festa da Páscoa, tal como era comemorada pelos hebreus. É interessante notar que um israelita, apesar de ser circuncidado ao oitavo dia, entrando assim no concerto, somente se tornava um “Bar Mitzvah” ou “Filho da Lei” por volta dos 12 ou 13 anos de idade. Só então passava a ter prerrogativas de membro da congregação.³

A visita de Jesus, aos 12 anos, a Jerusalém atesta isso. No dizer de Ellen White, “entre os judeus, os doze anos eram a linha divisória entre a infância e a juventude. Ao completar esta idade, um menino hebreu era considerado filho da lei, e também filho de Deus. Eram-lhe dadas especiais oportunidades para instruções religiosas, e esperava-se que participasse das festas e observâncias sagradas. Foi em harmonia com esse costume, que Jesus fez em Sua meninice a visita pascal a Jerusalém”.⁴

Desta forma, percebemos que o fato de uma criança estar informada sobre um assunto não significa que está apta para colocá-lo em prática. Por exemplo, um adolescente pode entender algo sobre o amor, mas isso não garante que está pronto para casar-se.

Na Escola Sabatina

Outro ponto que merece atenção é a celebração da Ceia para os menores na Escola Sabatina, com o objetivos didáticos. Precisamos refletir um pouco sobre tal prática, embora crianças e juvenis também devam aprender o significado dos emblemas que representam o corpo e o sangue de Cristo. Algumas perguntas precisam ser feitas e respondidas adequadamente. Por exemplo: quem está habilitado a ministrar a Ceia para a igreja? Todos sabemos que esse é um rito que deve ser oficiado por pastores e anciãos ordenados.

O professor da Escola Sabatina, embora seja uma pessoa qualificada para muitas coisas, não é ordenado para essa tarefa. Ao fazer uma explicação sobre a Ceia do Senhor, o di-

rigente deve ter cuidado para não deixar na mente do aluno a idéia de banalização da cerimônia. O professor pode mostrar os emblemas e explicar o significado deles, todavia sem realizar o ritual.

Herbert Kiesler aconselha que “crianças não batizadas deveriam ser convidadas a observar os outros tomarem parte [na Ceia]. Após apropriada instrução e batismo, elas podem juntar-se aos crentes na celebração da morte, ressurreição e breve retorno do Senhor”.⁵

É dever dos pais, professores e líderes da igreja instruir os menores quanto ao significado da Ceia do Senhor e, com muito tato, dizer-lhes que na ocasião certa poderão participar. Essa atitude, juntamente com a devida instrução na Palavra de Deus, levará a criança a decidir-se por Cristo, batizar-se e, conseqüentemente, tomar parte na cerimônia de Comunhão. No processo de instrução, é interessante ligarmos o batismo com a Ceia, mostrando assim que se o batismo é para pessoas que fazem profissão de fé, a Santa Ceia requer o mesmo.

Se os pequenos participarem de forma indiscriminada dos emblemas, como poderão valorizar futuramente os requerimentos da Palavra de Deus? Nosso dever, hoje, ainda é o mesmo que foi apresentado aos israelitas: “Estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te” (Deut. 6:6 e 7). Estudando devidamente instruídos, estes cordeirinhos crescerão sabendo valorizar os preceitos da Bíblia e a fé cristã. **M**

Referências:

¹ O evangelho de João pode ser dividido em duas partes, assim distribuídas: Capítulos 1-11 e 12-21. Os dois grandes blocos são divididos pela expressão “seus”. Na primeira parte, os “seus” são os judeus. O evangelista diz: “Veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam” (1:12). Na segunda parte, os “seus” são os discípulos ou a igreja em formação (13:1 e 2).

² Frank Holbrook, *Ministry*, fevereiro/1987, pág. 12.

³ Para maiores esclarecimentos sobre “Bar Mitzvah”, ver Henri Daniel Rops, *Vida Diária nos Tempos de Jesus* (Edições Vida Nova: São Paulo, SP), pág. 80.

⁴ Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 75.

⁵ Herbert Kiesler, “The Ordinances: Baptism, Foot Washing, and Lord’s Supper”, *Handbook of Seventh-day Adventist Theology*, (Review and Herald Publishing Association: Hagerstown, MD), pág. 599.





Isaí Villarreal

Diretor associado de
Publicações na
Divisão
Interamericana

Administração

*Ser um
líder
assertivo e
comunicativo
é garantia
de sucesso*

Liderança e assertividade

Como um ser social, o homem não pode viver só. Ele precisa viver em sociedade, orientado para uma vida ativa e útil. Precisa interagir com outras pessoas em uma comunidade composta de indivíduos de pensamentos e personalidade diferentes. Nessa comunidade deve haver ordem e direção, de modo a preservar sua estrutura e funcionalidade dentro de seu pluralismo. Ela precisa de um cabeça para lhe indicar a direção certa; um líder cujas atitudes e linguagem comuniquem ao grupo sua identidade, e cuja influência seja percebida ao interagir com outros. Para alcançar esse tipo de liderança, é preciso assertividade. Ser assertivo no exercício da liderança é tão importante quanto possuir a chave-mestra para abrir qualquer porta e entrar em qualquer lugar.

De acordo com um dicionário, assertividade é uma palavra derivada de assertivo, termo que identifica uma pessoa que fala e age positivamente, com segurança, simplicidade e força. Outro autor define assertividade

como um tipo de comportamento que expressa de forma direta nossos sentimentos, preferências e necessidades, ou opiniões, de tal modo que nos dirigimos a outras pessoas sem forçá-las ou depreciá-las. Há quem conceitue assertividade como a habilidade de comunicar e expressar pensamentos e emoções com confiança e tato.

Podemos resumir tudo isso dizendo que assertividade é a habilidade que uma pessoa tem de expressar com equilíbrio seus pensamentos, sentimentos e percepções, escolhendo ações e palavras que irão defender e apoiar idéias, aquilo com que concorda ou não, de maneira clara, porém inofensiva. Corresponde a um comportamento que expressa adequadamente qualquer emoção. Assim, a liderança se transforma na arte de se relacionar com outros de modo a alcançar certa intimidade com os liderados.

Comunicação positiva

Assertividade é a chave do sucesso em liderança. É a habilidade de expressar e apresentar idéias, defen-

der direitos, sem oprimir as idéias ou os direitos alheios. O líder que se destaca precisa ser assertivo, desenvolvendo as habilidades necessárias para liderar resolutamente, com tenacidade e determinação, porém sem ser agressivo ou ofensivo. Ele reconhecerá e respeitará habilidades e emoções alheias. Seu objetivo não é convencer forçosamente alguém, mas expressar sentimentos com dignidade, imparcialidade e com um toque humano. Isso é assertividade cristã. Em grandes empresas e instituições, em organizações religiosas e igrejas, a liderança parece estar sendo questionada. A falta de assertividade é identificada como um dos fatores determinantes de problemas na interação humana. Existem maus hábitos de liderança que contaminam o ambiente e envenenam a atmosfera, prejudicando o ambiente entre os liderados.

Como líderes, precisamos ser reeducados para recuperar a habilidade de comunicar corretamente nossas convicções, já que isso nos possibilita-



Dynamick Graphics

rá atingir um dos mais belos aspectos da vida humana. Precisamos ser honestos ao avaliar nossos sentimentos, emoções e atitudes. Necessitamos analisar se estamos comunicando adequadamente nossas idéias, sem agressão ou ofensa aos outros. Líderes devem enunciar claramente aquilo em que acreditam. Somente assim obterão maior respeito próprio e uma personalidade mais bem definida. Vamos observar as nossas atitudes, pois elas revelam muito. Paul J. Meyer, um grande motivador, diz que “atitudes são nada mais que maneiras habituais de pensar”. Todos nós temos pensamentos que dominam a mente; e se esses pensamentos forem negativos, as atitudes também serão negativas.

Ellen White escreveu: “Lidar com o espírito humano é a maior obra já confiada ao homem; e quem deseja encontrar acesso aos corações precisa ouvir a recomendação: ‘Sede... misericordiosos e afáveis.’ I Ped. 3:8. O amor fará aquilo que o argumento deixar de realizar.” – *Obreiros Evangélicos*, pág. 121.

Falta de assertividade

Todo ser humano pode revelar vários níveis em seu comportamento, ou seja, pode mostrar uma natureza com falta de assertividade passiva, falta de assertividade agressiva, e com assertividade. A falta de assertividade passiva consiste em não comunicar o que é esperado ou desejado, ou em comunicá-lo de maneira

fraca e tímida, ocultando o pensamento do líder. Isso demonstra fraqueza e muitos tirarão vantagem dessa pessoa. A falta de assertividade agressiva é o comportamento centralizado em ferir ou reprimir outra pessoa. Tal líder é muitas vezes colocado na defensiva. Ele não escuta. Sente a necessidade de controlar, fica irado facilmente, julga e coloca a culpa nos outros por seus próprios erros, não aceita nem reconhece direitos alheios, está sempre criticando. As pessoas fogem de tal líder. Sorriem na sua frente e o odeiam pelas costas.

W. W. Ziege diz que “nada no mundo pode ajudar um homem que tem uma atitude mental errada”. O líder agressivo, não assertivo, tenta manter o controle a qualquer custo. Seu relacionamento interpessoal deteriora; ele gera hostilidade nos outros. Sempre quer fazer a própria vontade e ganhar a qualquer custo. É obstinado e continuamente busca dominar, humilhar e mostrar quem ele é, exercendo autoritarismo. Salomão, o sábio, nomeia esse tipo de liderança como perversa e opressiva. Diz ele: “Quando sobem os perversos, os homens se escondem” (Prov. 28:28). “Quando porém, domina o perverso, o povo suspira” (Prov. 29:2). “Vi ... as lágrimas dos que foram oprimidos ... a violência na mão dos opressores, sem que ninguém os consolasse” (Ecles. 4:1).

Esse líder causa sofrimento, menospreza e subestima o valor dos outros. Pensa que foi colocado em sua função para dominar, comandar e subjugar os que lhe rodeiam. Infelizmente, a liderança tem sido mal usada porque tem sido mal entendida. Jesus disse: “Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles” (Mat. 20:25). A falta de assertividade em liderança tem levado muitos a falhar, e ainda assim eles não reconhecem suas limitações. O líder agressivo não é assertivo, mas neurótico. Está constantemente incomodado, assusta as pessoas e as ameaça. É opressivo com seus companheiros de trabalho.

Atitude correta

Todo líder bem-sucedido possui o atributo da assertividade. Ele é capaz de lidar honestamente com quem ele é. Tal líder é procurado, admirado, respeitado e amado pelos colegas e por seus liderados. Comunica-se facilmente com todos. Reconhece, respeita e aceita os direitos dos outros. Sabe reconhecer e louvar o trabalho dos colegas. Aceita e generosamente dá elogios. Expressa suas opiniões, de maneira respeitosa, sem magoar nem ofender. Comunica suas idéias, direta, honesta e habilidosamente, sem causar perturbações.

O líder assertivo é um bom comunicador, alimenta respeito mútuo e flexibilidade. Aceita críticas, analisando-as com calma, e reconhece os erros. Evita táticas que intimidam. Não é ambíguo em dizer “sim” ou “não”. É firme, mas não se demora em coisas negativas. Ao fazer uma crítica, claramente retrata as conseqüências para si mesmo e para os outros, encontra o momento certo e evita manipulação. Conforme Ziege, “ninguém pode parar um homem que tem a atitude mental correta”.

Como líderes assertivos, buscaremos mudar nossas atitudes e sentimentos, especialmente ao nos analisarmos, e assim nos tornaremos genuínos. Aldous Huxley certa vez disse: “Só há um canto do Universo que você pode ter certeza de conseguir melhorar, e esse canto é você mesmo.” Assertividade é um profundo comprometimento com mudança, que desenvolverá todo o nosso potencial e nos fará líderes excelentes, apreciados e respeitados. **M**



Divulgação

Walter Alaña

Professor de Teologia Aplicada na Universidade Peruana União, Lima, Peru

Comportamento

Sucesso não é um direito que podemos reclamar e perseguir de qualquer maneira, nem por quaisquer meios

A medida do êxito

A idéia de sucesso ocupa lugar central na sociedade moderna. Quem o alcança tem prestígio e reconhecimento. Para ter sucesso, milhões de pessoas experimentam métodos e caminhos distintos, transformando o mundo globalizado em um verdadeiro campo de batalha. Desde seus primeiros anos de educação formal, a criança aprende que a vida é uma competição, onde quem vence é valorizado e quem perde é descartado.

Para o cristão, esse é um terreno perigoso, cheio de tentações e armadilhas. A ênfase desmedida que a sociedade coloca no material e a necessidade de êxito pessoal não podem ser passadas por alto com facilidade. Muitos há que definem a própria identidade a partir de um conceito de êxito relacionado com a capacidade de conseguir dinheiro, posses, poder e prestígio.

Diante dessa realidade, surgem algumas questões importantes que devem ser analisadas. São realmente essas coisas que determinam o valor das pessoas? Como a sociedade concebe o êxito? De que maneira os padrões seculares estão afetando o pensamento, a vida e o de-

envolvimento da igreja? O que diz a Bíblia, e como podemos assimilar seu pensamento sobre o êxito?

Alguns podem pensar que as coisas estão bastante claras e que as respostas afloram com facilidade. Mas a realidade parece mostrar que, no final das contas, as opções do crente se reduzem a duas: ou enfrenta de maneira reflexiva e consciente esses desafios, ou assimila inconscientemente o modelo predominante no meio em que vive.

Qualquer análise bíblica desse tema deve considerar o propósito de Deus para a humanidade, ou seja, sua redenção: “Por infinito amor e misericórdia foi concebido o plano da salvação, concedendo-se um tempo de graça. Restaurar no homem a imagem de seu Autor, levá-lo de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, mente e espírito para que se pudesse realizar o propósito divino da sua criação...”¹

Deus e o sucesso

Tendo como pano de fundo o paradigma divino, precisamos responder: Como é possível alcançar êxito segun-

do os planos e propósitos de Deus? Qual a medida do êxito no reino de Deus? Que é êxito, segundo Deus?

Primeiramente, consideremos a importância fundamental dos motivos. Para Deus, a razão pela qual as coisas são feitas pode ser mais importante do que a própria ação. Isso é evidente no Sermão da Montanha (Mat. 5-7), no qual Jesus desafia Seus ouvintes a buscar uma justiça superior à dos fariseus, ou seja, uma bondade que brote do coração. Posteriormente, Ele disse: “O homem bom tira do tesouro bom coisas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira coisas más” (Mat. 12:35).

“Não é a soma do trabalho que executamos, nem seus resultados visíveis, mas o espírito com que o fazemos é que o torna valioso para Deus... Quando são tolerados o orgulho e a complacência própria, a obra é arruinada... Somente quando o egoísmo estiver morto, banida a contenda pela supremacia, o coração repleto de gratidão e o amor houver tornado fragrante a vida – somente então, Cristo nos está habitando na alma e somos reconhecidos como coobreiros de Deus.”²

“Não é a soma do trabalho que executamos, nem seus resultados visíveis, mas o espírito com que o fazemos é que o torna valioso para Deus”

Deveríamos nos perguntar honestamente: Estou preocupado em edificar meu próprio reino ou o de Deus? Aqui não se trata de ignorar a própria necessidade de bem-estar, mas de não permitir que ela se converta no objetivo final da vida.

Junto com a motivação estão os métodos utilizados para conseguir os objetivos. A qualidade do *ser* demonstra o *fazer*. “Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis. Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai que está nos Céus” (Mat. 7:16-21).

A grandeza de servir

Na esfera do reino de Deus, os resultados pertencem ao Senhor. Essa é a lição que nos é ensinada pela experiência de muitos servos de Deus. Moisés aparentemente fracassou, ao não entrar em Canaã, e os profetas do Antigo Testamento experimentaram repetidas frustrações. Mesmo Cristo “veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam” (João 1:11). Como sugere George R. Knight, se avaliarmos o trabalho de Cristo segundo os padrões prevaletentes de sucesso, Ele foi um líder que fracassou.³ Daí, a importância do conselho: “Quando, descansando em nosso Ajudador, houverdes feito tudo que está ao vosso alcance, aceitai alegremente os resultados.”⁴

Deus está mais interessado no que estamos chegando a ser, em lugar do que estamos fazendo para Ele. Está mais interessado na purificação e santificação dos nossos motivos. Embora o *fazer* seja importante, não é superior ao *ser*. Somente aqueles que desenvolvem as qualidades de caráter apresentadas nas bem-aventuranças estão em condições de ser a luz do mundo e o sal da Terra (Mat. 5:3-16).

No processo da santificação, o êxito pode ser entendido como um “bônus” que Deus, em Sua sabedoria, decide conceder-nos. Não é um di-

reito que podemos reclamar ou perseguir de qualquer maneira e por quaisquer meios. A parábola dos trabalhadores na vinha (Mat. 20:1-16) é parte da resposta de Jesus à pergunta de Pedro sobre a recompensa que receberiam os que O seguissem (Mat. 19:23-30). E uma das principais lições da parábola é que Deus não dá ao ser humano o que este merece, mas o que necessita.

Ao captar essa perspectiva bíblica, compreendemos a razão pela qual o anjo anunciou a Zacarias que seu filho, João, seria “grande” (Luc. 1:15). “Valor moral, eis o que é estimado por Deus. Amor e pureza são os atributos que mais aprecia. João era grande aos olhos do Senhor quando, em presença dos emissários do Sinédrio, diante do povo e perante seus próprios discípulos, se absteve de buscar honra para si, mas encaminhou todos para Jesus como o Prometido.”⁵

O ponto focal da vida do cristão deve ser servir a Deus com o máximo de seus talentos e habilidades, sem considerar os benefícios que poderia granjear para sua reputação ou para suprir uma profunda, e às vezes inconsciente, necessidade de ganho. Deve encontrar deleite em fazer a vontade de Deus. Os resultados de seus esforços pertencem ao Senhor.

Na realidade, jamais veremos todo o sucesso do nosso labor até que Cristo volte (Heb. 11:13).

Princípios fundamentais

Todo líder cristão deve refletir cuidadosamente sobre a questão do sucesso, e, sob a direção divina, elaborar sua própria teologia de êxito. Somente assim estará livre do risco de assimilar o modelo de pensamento predominante em seu meio social, cultural e até eclesiástico. Em meio à crescente pressão social e cultural, o crente deve lembrar que foi chamado a desenvolver a mente de Cristo (I Cor. 2:16), e isso só é possível seguindo o conselho de Paulo: “E não vos conformei com este século, mas transformai-vos pela renovação da

vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rom. 12:2).

Finalmente, uma teologia de êxito deveria considerar os seguintes aspectos:

Focalizar a fidelidade a Deus e Sua Palavra (Mat. 25:21). Quem é fiel, em quaisquer circunstâncias, está mais perto do verdadeiro êxito, segundo Deus, do que quem facilmente cede à pressão externa.

Evitar a competição. Mesmo que esta seja uma característica da sociedade contemporânea, Deus deseja que nos complementemos e apoiemos mutuamente.

Assim como é impossível desenvolver uma teologia de saúde sem considerar uma teologia de enfermidade, não é possível conceber uma teologia do êxito que desconsidere a teologia do fracasso. Em muitas ocasiões, os propósitos de Deus são melhor compreendidos pelo homem em meio ao fracasso. Aparentes perdas e momentâneos revezes também modelam o caráter.

Deus, mais do que êxito, espera fidelidade. “Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Apoc. 2:10). “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor” (Mat. 25:23). **M**

Referências:

- ¹ Ellen G. White, *Educação*, págs. 15 e 16.
- ² _____, *Parábolas de Jesus*, págs. 397 e 402.
- ³ George R. Knight, *Ministério*, maio/junho de 1998, págs. 5-7.
- ⁴ Ellen G. White, *Caminho a Cristo*, pág. 122.
- ⁵ _____, *O Desejado de Todas as Nações*, pág.219.

Como se faz um missionário

É tempo de começar a remover as dificuldades que impedem maior envolvimento voluntário na igreja



Teena Stewart

Reside em Benícia,
Califórnia, Estados
Unidos

Alguém já disse que 90% do trabalho de uma igreja é realizado por apenas 10% dos membros. Não importa a intensidade dos seus esforços, você jamais conseguirá que todos se comprometam a servir. Alguns simplesmente estão mais interessados em receber do que dar. Porém, se você agir de maneira proativa, é possível aumentar a porcentagem dos que participam.

Mark Twain, em seu livro *Tom Sawyer*, conta a história de um garoto chamado Tom. Certo dia, ele recebeu a tarefa de caiar o muro da casa de sua tia e, relutantemente, se pôs a trabalhar. Enquanto pintava, alguns amigos passavam e o convidavam para brincar. Sem dúvida isso lhe soava mais atraente do que pintar o muro. Teve então uma idéia: se pudesse recrutar alguns daqueles amigos para lhe ajudar, o trabalho terminaria na metade do tempo previsto.

“O convite de vocês é tentador”, disse Tom, “mas agora minha diversão é pintar este muro.” A idéia de que pintar o muro fosse algo divertido nunca ocorrera aos amigos de Tom, até que ele fizesse o trabalho parecer uma aventura. Em pouco tempo, Tom contava com uma equipe de pintores de parede, trabalhando, enquanto ele apenas observava.

Tom representa algo que muitos líderes de igreja aparentemente não possuem: a percepção de que leva mais tempo para uma pessoa completar uma tarefa do que quando muitas trabalham juntas. Se queremos conseguir ajuda, devemos fazer o trabalho parecer tão atraente que o povo queira ajudar.

Visão contagiosa

Como fazer com que as pessoas vejam o ministério pessoal como uma oportunidade esti-

mulante de serviço, e não como uma tarefa enfadonha? Tudo depende da maneira como promovemos o assunto envolvido.

O convite para engajamento pode começar com a oferta de cursos que ajudem as pessoas a descobrir seus dons e habilidades. Há muitos recursos disponíveis. Ao lado disso, poderia ser oferecido um tipo de teste no qual as pessoas tenham chance de avaliar suas habilidades e experiências, bem como verificar onde podem ser melhor situadas no ministério. No final das aulas, é sábio ter informações disponíveis sobre as oportunidades de serviço dentro da própria igreja.

Eduque os irmãos para que eles captem a visão. Muitos crentes são neófitos; pessoas que ainda não foram totalmente expostas à vida da igreja. Esses jovens crentes costumam ter uma compreensão errônea da dinâmica eclesial, nem sempre lhes ocorrendo que deveriam estar envolvidos nela. Devemos educá-los a ver os líderes como treinadores, que podem equipá-los, e não como pessoas que são pagas para fazer todo o trabalho. Deus outorgou a certos indivíduos os dons de “pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do Seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Efés. 4:11 e 12).

Ajudar os membros a captar a visão missionária envolve instilar neles, entre outras crenças, a convicção de que todo crente é dotado pelo Espírito Santo para servir. “Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons dispenseiros da multiforme graça de Deus” (1 Ped. 4:10).

Motivação

Motivar pessoas para o serviço é um desafio constante. Certas pessoas acabam de ouvir

um sermão e, em pouco tempo, esquecem o que aprenderam. Por isso a repetição é necessária. Portanto, se você deseja que os membros adquiram um conceito de trabalho, é preciso manter a idéia diante deles, de todas as formas possíveis.

Uma vez que os irmãos comecem a captar a idéia de que todo crente é um ministro, mantenha-os lembrados disso em toda oportunidade oferecida. A idéia de servir voluntariamente deveria ser uma campanha constante. Pregue sobre ela, ensine-a nas classes, divulgue-a nos boletins e por outros meios. Venda à congregação os benefícios do serviço voluntário. E quais são esses benefícios?

Em primeiro lugar, o voluntário sai de seu mundo e aprende a tocar a vida de outras pessoas. Muitos irmãos dizem se sentir isolados na igreja. O serviço voluntário provê oportunidades para amizade e socialização. Outro benefício é que o voluntariado encoraja o desenvolvimento de dons e habilidades; uma coisa que pode resultar inclusive na descoberta da vocação profissional. O voluntariado também ajuda a preencher as necessidades do semelhante. Mostre aos voluntários potenciais que, ao estarem envolvidos no trabalho, eles se tornam parte de um grande todo. Desperte-os para a necessidade. Uma razão fundamental para a falta de envolvimento das pessoas é o desconhecimento das necessidades. Se você não informa a respeito de suas necessidades, ou as daqueles que lhe estão ao redor, como eles saberão?

A informação da necessidade precisa ser específica. Por exemplo, ao invés de anunciar: “Há vagas no Departamento Infantil”, você poderia dizer: “Estamos necessitando de recepcionistas – alguém que receba crianças e seus pais durante um mês”; ou “necessitamos de alguém que ajude a preparar desenhos para crianças de cinco anos”.

Você pode solicitar tais serviços através do boletim da igreja, anunciando oralmente, entre outros meios. Mas o caminho mais efetivo de recrutamento para o serviço voluntário é o convite pessoal. Quando você fala pessoalmente com alguém, faz com que a necessidade pareça mais importante, e permite à pessoa a oportunidade para fazer perguntas. E mais, um convite pessoal faz o convidado sentir-se especial; compreender que ele realmente importa.

Oportunidades e treinamento

Dê permissão às pessoas para tentar e falhar. O povo muitas vezes é relutante quanto ao voluntariado porque

teme não conseguir fazer o trabalho, fracassar. Uma das melhores formas de dissipar os temores é lhe permitir fazer tarefas menores. Isso ajuda a ganhar confiança. Muitas pessoas percebem que quando elas realmente se acostumam com uma tarefa ou função voluntária, essa tarefa não é tão assustadora como imaginavam e acabam se alegrando.

Providencie treinamento. Os voluntários querem a segurança de que não serão abandonados quando estiverem envolvidos no trabalho. Não coloque alguém em uma função, dando-lhe um livro ou manual de instruções, e feche a porta. Fale com a pessoa, caminhe com ela. Diga-lhe o que você espera do seu trabalho e explique como ele deve ser feito. Se possível, permita-lhe observar alguém fazendo a tarefa. Depois que ela estiver desempenhando o papel designado, comunique-se periodicamente para ver como as coisas estão andando.

Dinamismo necessário

Livre-se da rotina. Igrejas antigas geralmente têm programas que são mantidos simplesmente porque “sempre foi assim!”, e certamente parecem sagrados para alguém. Quanto mais opções de programas houver, mais voluntários você necessita para viabilizá-los. Nenhum programa deveria ser tão precioso que não possa ser descartado quando ficar rotineiro.

O que pode ter sido um ministério altamente efetivo cinco ou dez anos atrás, pode ser totalmente improdutivo hoje. As mudanças são necessárias. Igrejas crescem e diminuem, pessoas e necessidades experimentam mudanças. Isso significa que o ministério está sempre fluindo.

Habitue-se a fazer avaliações periódicas dos programas e seus objetivos, para ver se ainda são efetivos. Se não, considere a possibilidade de implementar alguma coisa nova, ainda que isso signifique a utilização de poucos voluntários. Junto com a extinção de programas obsoletos, a liderança deve ficar atenta aos limites de tempo durante o qual uma pessoa exercerá suas funções. Isso ajuda a evitar que os voluntários fiquem desanimados com a rotina de fazer a mesma coisa todos os anos.

Mostre apreciação

Diga aos voluntários que eles são apreciados. Muitas pessoas exercem seus papéis, felizes com a efetividade do trabalho e do próprio desempenho. Alegam-se com o privilégio de servir, mas ninguém fica satisfeito quando o trabalho não é notado. Há muitas maneiras de mostrar apreciação. Pode ser uma simples expressão de gratidão, ou uma cerimônia formal de reconhecimento pelo serviço prestado. O importante é que se mostre apreciação. Ao fazer isso, você aumentará a possibilidade de conservar seus colaboradores e conquistar outros mais.

Para conseguir maior número de pessoas envolvidas no trabalho da igreja, necessitamos torná-la mais amistosa e voluntária. **M**





R. Clifford Jones

Ph.D., diretor do Departamento de Ministério Cristão no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

Missão

Deus quer salvar pessoas de todos os tipos, origens, níveis sociais, culturais e econômicos. E elas estão nas grandes cidades

A evangelização das metrópoles

O dia 11 de setembro de 2001 alterou quase irreversivelmente o curso da história norte-americana e mundial. Terroristas seqüestraram quatro aviões e lançaram três deles contra os monumentos da economia e do poder militar dos Estados Unidos – as torres gêmeas do *World Trade Center*, em Nova York, e o Pentágono, em Washington D.C. O quarto avião caiu no interior do país. Desde esse dia fatídico, dificilmente qualquer acontecimento de significado social, econômico ou político tem lugar nos Estados Unidos sem referência àquela tragédia.

Nos dias que imediatamente se seguiram, cristãos e não-cristãos igualmente passaram a refletir sobre a utilidade e a sabedoria de viver em uma comunidade urbana. Não poucos concluíram que o tempo de abandonar a cidade finalmente chegara. Esses indivíduos argumentavam que a devastação das torres gêmeas evidenciou que viver em uma metrópole representava séria ameaça ao bem-estar psicológico e físico das pessoas, além de demonstrar que a disposição terrorista para destruir dificilmente en-

contraria um alvo mais atrativo do que as grandes cidades do mundo.

A verdade é que, desde muito antes dos trágicos eventos daquele 11 de setembro, os cristãos têm sido ambivalentes em relação às cidades, vendo-as com uma mistura de encantamento e aversão. Eles sempre foram simultaneamente atraídos por elas ou refratários a elas. Não é surpreendente que os adventistas do sétimo dia também tenham caído nas angústias dessa ambivalência, em parte por causa de algumas declarações de Ellen G. White. Alguns afirmam que ela declarou serem as grandes cidades inerentemente más; e que viver nelas significa pôr em perigo nossa vida e arriscar nosso futuro no Céu. Por conseguinte, deveríamos abandoná-las. Teria realmente a Sra. White nos admoestado a abandonar as cidades em qualquer tempo, incondicionalmente?

O que disse Ellen White

Monte Sahlin examinou 107 matérias sobre cidades, escritas por Ellen White. Ele encontrou que, desse número, 24 artigos se referem ao estabelecimento de instituições e a viver fora

dos limites das cidades, ao passo que 75 encorajam o crente a viver na cidade, a fim de ganhar pessoas para Cristo. As oito referências restantes analisam as condições negativas encontradas nas grandes cidades, mas não mencionam se os adventistas devem ou não viver nelas.¹

Por sua vez, George Knight demonstrou a necessidade de os adventistas lançarem um outro olhar para a missão urbana, fundamentado em nova leitura dos escritos de Ellen White. Knight argumenta que ela falou sobre o estabelecimento de escolas, em termos práticos e ideais, mencionando que embora a escola no campo fosse o ideal, o fato de que muitas crianças da cidade não pudessem assistir às aulas no campo tornou necessárias escolas na cidade. E embora a Sra. White promovesse um modelo de trabalho institucional como um posto avançado, ela jamais condenou a igreja local por viver e trabalhar na cidade. Aliás, ela aprovou a atitude de pessoas que, contrariando a tendência prevalecente no final do século 19, mudavam-se para grandes cidades a fim de evangelizá-las.²



tais como o amor, a misericórdia, a justiça, a soberania e o poder de Deus. Não é demais repetir: para que uma teologia de missão urbana seja apropriada, ela deve começar, continuar e ser consumada em Deus.

Assim, é razoável concluir que ela mostrou ser mais favorável do que contrária à idéia de viver e trabalhar nas grandes cidades. Ela estava convencida de que o melhor caminho de conduzi-las a Cristo era penetrar e viver nelas.

Teologia missionária

Contudo, qualquer estratégia para ganhar cidades para Cristo deve estar fundamentada sobre uma firme teologia bíblica. Estratégias missionárias que não sejam apoiadas, modeladas e elaboradas por uma teologia coerente estão destinadas ao fracasso.

Em um artigo no qual apela aos cristãos para que amem as cidades, Samir Selamovic estabelece que devemos radicalizar nossa teologia, se realmente queremos nos engajar em um ministério que transforme as comunidades urbanas.³ Durante muito tempo os cristãos leram a Bíblia através de lentes rurais, defendendo a primazia evangelística do interior, argumentando que Deus colocara os primeiros seres humanos da Terra habitando em um jardim. O que é necessário, entretanto, não é tanto a radicalização de nossa teologia mas uma transformação dela, baseada em uma leitura objetiva e avaliadora do Deus apresentado nas Escrituras.

Uma teologia bíblica de missão urbana é uma reflexão sobre a natureza e os atributos de Deus, tendo o texto bíblico como seu ponto de partida. Em sua busca de compreensão de Deus e das coisas a Ele relacionadas, ela pondera sobre grandes temas

E mais: para que seja digna de crédito, deve ser dinâmica; não estática. Teologia raramente é um produto. Ela é um processo, alguma coisa feita para produzir iluminação e compreensão.⁴ É uma atividade formada e modelada pelo tempo e lugar, tornando-se contextual. Conteúdo e contexto devem existir numa experiência de relacionamento mútuo dinâmico, cada um provando, avaliando, informando e modelando o outro. Porém, dizer que a teologia é contextual não significa dizer que Deus está limitado por contextos. Pelo contrário, Ele é universal e último.

Por necessidade, uma teologia de missão urbana deve ser pensada e elaborada na comunidade urbana. Nenhuma teologia que seja desenvolvida à parte dos complexos fatores urbanos será sustentável ou relevante. Isso não quer dizer que a teologia sistemática não possa contribuir para a formação de uma teologia urbana funcional. Mas para fazê-lo deve encontrar-se no coração da cidade, ligando tudo o que Deus é e diz ao contexto urbano. Somente quando a teologia fala às características particulares das grandes cidades é que se torna maior que os desafios feitos à sua integridade e autoridade.

Pesquisa da cidade

Na busca por incluir realidades urbanas em sua formulação e articulação, a teologia bíblica de missão urbana deve examinar os sistemas e estru-

turas da cidade, bem como ouvir as histórias de seus habitantes, especialmente os que vivem à margem. Isso para que não caia vítima de nenhum dos dois extremos que existem na missão urbana nos dias de hoje.

De um lado, estão aqueles que focalizam sobre um grande quadro, olhando como se estivessem num helicóptero, voando por cima. Esses indivíduos vêem a grande cidade como um conglomerado de números e faces impessoais. Utilizando a antropologia cultural e a sociologia, eles estudam a densidade populacional das cidades, seus sistemas de comunicação e transporte, e sua distribuição econômica e religiosa. De outro lado, encontram-se indivíduos que usam uma abordagem etnográfica, descendo ao nível das ruas e vivendo entre o povo, condicionando-se a ouvir suas histórias e observar seu cotidiano.

O que é necessário para elaborar uma teologia urbana sustentável é a integração da visão do "helicóptero" com a abordagem da rua. Essa integração significará uma exegese completa da cidade. Num processo investigativo, serão examinadas questões que ajudem a identificar o espírito, caráter e a herança da cidade. Cada cidade tem aspectos únicos, enraizados, na maior parte, em sua história e, frequentemente, em suas tendências. Dessa forma, o exegeta urbano analisará a história da cidade, sua posição no contexto da história e economia do país, sua qualificação passada e atual, suas experiências traumáticas tais como desastres naturais, colapso econômico, conflitos étnicos e raciais, bem como as instituições políticas e religiosas que têm dominado sua vida.⁵

É ouvindo e examinando as narrativas teológicas da cidade que ele consegue reunir as informações mais úteis para a formação de uma teologia urbana. Junto a tudo o que conseguir, haverá uma exploração das circunstâncias sob as quais a mensagem do evangelho alcançou a comunidade, e as tendências que representam as maiores oportunidades para o crescimento da igreja. Serão investigadas as mudanças demográficas, especialmente aquelas que têm o potencial de prejudicar, ou que representem barreiras para a missão local.

Qualquer sinal de crise que demande intensa oração será examinado, bem como todas as subculturas que experi-

mentem trevas espirituais ou opressão satânica. Movido pela crença de que Deus já esteja trabalhando na cidade, o exegeta urbano buscará oportunidades pelas quais as congregações se tornem unidas e dinâmicas em alcançar a cidade para Cristo.⁶ Afinal, nenhum estudioso, nenhuma instituição, possui maior qualificação para analisar e fazer a ligação entre o contexto urbano e o texto bíblico, do que a igreja.

A tarefa teológica não é uma opção para a igreja, mas uma atividade envolvida em seu próprio ser e em sua missão.⁷ Somente a igreja está qualificada para, através da Escritura, avaliar a cidade com integridade e exatidão. Contudo, ao trabalhar com as duas coisas juntas, no esforço para cumprir sua agenda missionária, a igreja deve ser cuidadosa para não ler nas Escrituras o que ela não diz. Muito menos deve olhar a cidade em termos desanimadores.

Uma teologia urbana que lamenta a metrópole em lugar de celebrá-la como um componente vital da agenda missionária de Deus, inevitavelmente errará o alvo. A comunidade de fé fará mais do que refletir sobre o texto bíblico no contexto da cidade. Depois de refletir, ela agirá; depois refletirá um pouco mais. O paradigma ação/reflexão é criativo, dinâmico, evolutivo e crescente.

Temas da teologia urbana

Deus ama as pessoas. Uma teologia para as missões urbanas deve começar com a natureza e o caráter de Deus, ou seja, o amor. Deus criou os seres humanos a partir do amor. Ele continua a derramar abundantemente Seu amor sobre eles, por mais indignos que sejam. Como objeto do amor de Deus, as pessoas são a menina dos Seus olhos e por causa do Seu infundável caso de amor pela família humana foi que Ele enviou Seu Filho, Jesus Cristo, para morrer na cruz (João 3:16).

De todas as obras criadas por Deus, as pessoas, criadas à Sua própria imagem e semelhança, representam a razão maior das ações

divinas; pessoas de todas as origens e cores, de ambos os sexos, de todas as idades e todos os níveis socioeconômicos. E onde as pessoas do mundo são encontradas? Grande parte delas está nas grandes cidades.

No início do século passado, 25% da população mundial vivia nas cidades; e na virada do século 21 a porcentagem era superior a 50%. As cidades são como ímã para os pobres, que fluem constantemente para elas em busca de trabalho, e assistência de saúde, esperançosos de obter boa educação para os filhos e crescimento para si mesmos. Ricas ou pobres, as pessoas são objeto do amor e da preocupação de Deus. Voltar as costas para a cidade é tratar com negligência a paixão de Deus pelo povo. Livremente oferecido a todos, o amor de Deus busca inclusive a pessoa mais indigna. E se deleita em ver o aparentemente incorrigível sendo transformado.

Forças em conflito. Usando um livro de Charles Dickens como plataforma de lançamento, Roberto C. Linthicum imagina uma teologia bíblica da igreja urbana, argumentando que a cidade é tanto o lugar de habitação de Deus e Seu povo, como a fortaleza de Satanás e

suas hostes. Ou seja, a cidade é o campo de batalha onde o grande conflito cósmico entre Deus e Satanás tem lugar. Porém, se o pecado está infiltrado na cidade, muito mais penetrante é a graça de Deus (Rom. 5:20).

Linthicum argumenta que, ao contrário de ser um livro rural, a Bíblia é um livro urbano que foi escrito no Oriente Próximo. Como então ela passou a ser vista de outra maneira? Linthicum postula que a principal formulação teológica da igreja foi desenvolvida na Europa rural, e que somente no final do século 19 e início do século 20 os teólogos permitiram que elementos citadinos exercessem impacto na maneira como aplicavam a Bíblia à vida urbana.⁸

Vulnerabilidade. Quando lemos as Escrituras em busca de temas para uma teologia urbana, uma questão que aparece é a vulnerabilidade. Ela é muitíssimo evidente no chamado e

A melhor estratégia para conquistar cidades com o evangelho é penetrar e viver nelas



experiência de Abraão. Deixando sua terra de origem, o conforto e a segurança que ela lhe proporcionava, Abraão peregrinou em território estrangeiro, despojando-se do sentimento de autopreservação, de modo que pudesse ser fiel ao chamado de Deus. Mais tarde, seus descendentes se tornaram estrangeiros no Egito, experimentando opressão por parte de seus “anfitriões” e aprendendo em primeira mão o que significava ser um refugiado.

A aceitação, por parte do povo de Deus, da condição de peregrinos e vulneráveis continuou quando Israel foi exilado e quando os primeiros cristãos foram dispersos e perseguidos. Deus requeria que Seu povo fosse missionário, isto é, que causasse impacto nas culturas que o rodeavam. Deus é um Deus que envia. Ele não requer que Seu povo apenas chame os descrentes para que venham juntar-se a ele, mas que vá onde os descrentes estão.

Mais importante ainda, a experiência de Israel mostra que estar em Cristo é ser um peregrino que encontra novos amigos, nova família e segurança, não em um determinado lugar, mas em relacionamento e na dependência de Deus. Buscar preservar a si mesmo estava em contradição com o desejo de Deus para que Israel tratasse o estrangeiro com desinteressada benevolência. Porque os israelitas haviam sido peregrinos em terra estranha, deveriam demonstrar empatia para com o estranho que estivesse entre eles.

Admoestado para dar boas-vindas ao estrangeiro, Israel deveria ser guiado pelo conhecimento experimental, estendendo a outros a graça que Deus lhe estendeu. Embora recipiente de um relacionamento especial de aliança com Deus, Israel nunca deveria perder de vista que tudo o que possuía e era devia-se exclusivamente à graça de Deus. Isso devia tornar a nação agradecida.

Quando os cristãos aceitam que são peregrinos no mundo e que tudo o que são e possuem deve-se unicamente à graça de Deus, eles reprimirão todo impulso para descartar e discriminar qualquer pessoa.

Unidade. Oferecer hospitalidade ao estrangeiro na cidade contribuirá para a criação da unidade espiritual pela qual Cristo orou, e que reflete a

unidade da divindade: o Pai, Filho e Espírito Santo. É nascida da humildade e revela-se na maneira como a igreja utiliza os dons do Espírito (Efés. 4:1-13). Conhecedores de nossa unidade em Cristo, como cristãos devemos admitir que somos dotados para servir aqueles que necessitam inclusão no corpo de Cristo.⁹

Durante muito tempo, os cristãos separavam a igreja de sua missão, com a missão sendo compreendida como uma atividade na qual a igreja se engajava. A igreja e a missão estão ligadas em uma relação indivisível. Elas devem permanecer juntas ou morrerão separadas. Em nenhum outro lugar isso é mais óbvio do que na cidade, onde o propósito de Deus é não apenas transformar o estranho mas também a igreja.

Propensos a exibir uma atitude de onisciência, os cristãos geralmente tendem a entrar na cidade com um ar de “sou mais santo do que tu”, ansiosos por conseguir todas as respostas para as angústias dela. Tal atitude nega que a cidade existe para nosso benefício também. Nosso engajamento com ela deve ser recíproco.

Despojando-nos das vestes da onisciência e vestindo os paramentos da humildade, devemos entrar e viver na cidade como aprendizes desejosos de interagir com seus habitantes, por mais pobres e iletrados que sejam. Somente então nossa perspectiva se expandirá e passaremos a vê-los como Jesus os via.

Cristo e a cidade. Uma teologia bíblica de missão urbana é absolutamente incompleta sem Jesus. Lucas nos fala que após o Mestre confirmar e autenticar Seu ministério na sinagoga num determinado sábado, citando Isaías, Ele direcionou Sua face e pôs os pés em cidades e vilas, ensinando em Cafarnaum e na Judéia (Luc. 4:18-44). Contudo, são os evangelistas Mateus e Marcos que dão um resumo do que poderia ter estabelecido a agenda urbana de Cristo (Mat. 9:35-11:1; Mar. 6:6 e 56). Jesus não saía dos lugares, sobrepondo-Se orgulhosamente ao povo, mas buscava-o de modo que pudesse pregar, ensinar e atender suas necessidades. Encarnando o que a igreja deveria ser – um símbolo do reino e Seu agente no mundo – Cristo veio ministrando no contexto das pessoas e falando assuntos “urbanos”.

Do jardim para a cidade

Se Cristo veio para libertar os “pequenos”, falar aos “sem-voz” e dar boas-vindas ao estrangeiro, então a cidade é o lugar onde Ele deve ser encontrado hoje. Sua própria experiência como um “sem-teto” argumenta em favor desse ponto. Nascido em um estábulo, Jesus não teve um lar permanente (Mat. 8:20; Luc. 9:58). O desproimento de Cristo foi consumado depois de Sua crucifixão, quando teve de ser sepultado em uma tumba emprestada (Mat. 27:57-60).

Em Jesus, a teologia da presença encontra sua expressão suprema. Jesus viveu entre aqueles aos quais veio salvar. Não deveríamos nós fazer o mesmo?

A história humana não terminará em um jardim, como iniciou, mas em uma cidade, tornando urbanistas todos os que tiverem sido salvos pela graça de Jesus. João viu essa cidade, a Nova Jerusalém, numa de suas visões. Ela será uma cidade sem poluição, violência, dor e sofrimento. Será habitada por indivíduos de todas as nacionalidades, etnias, gêneros, idiomas e classes, que viverão em paz e eterna harmonia (Apoc. 21:1-8; Isa. 65:17-25).

Patriarcas e profetas do Antigo Testamento visualizaram sua entrada nessa cidade, abandonando o conforto e a comodidade terrestres, perseguindo-a pela fé e com esperança (Heb. 11:8-10). Nossa teologia deveria nos levar, tal como Abraão, a direcionar nosso olhar para a cidade e caminhar em sua direção com infatigável coragem. **M**

Referências:

¹ Monte Sahlim, “Did Ellen White Teach that Adventists Should Not Live in Cities?”, *Metro Ministry* 1 (Fall 1999), vol. 1, págs. 11 e 12.

² George Knight, “Another Look at City Mission”, *Adventist Review*, Dezembro 2001, págs. 25-29.

³ Samir Selmanovic, *Ministry*, julho 2002, págs. 5-8.

⁴ Robert C. Linthicum, *City of God, City of Satan: A Biblical Theology of the Urban Church* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1991) pág. 23.

⁵ John Dawson, *Taking Our Cities for God* (Lake Mary, FL: Creation House, 1989) pág. 85.

⁶ *Ibidem*, pág. 123.

⁷ Fritz Guy, *Thinking Theologically: Adventist Christianity and the Interpretation of Faith* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1999), pág. 37.

⁸ Robert C. Linthicum, *Op. Cit.*, págs. 22 e 23.

⁹ Ver Kathryn Mowry, em *God So Loves the City: Seeing a Theology for Urban Mission*, (Monrovia, Ca: MARC, 1994), págs. 105-123.



C. Lloyd Wyman

D.Min., Secretário ministerial da União do Pacífico, Califórnia, Estados Unidos

Vida Pastoral

“Nenhum soldado em serviço se envolve em negócios desta vida, porque o seu objetivo é satisfazer àquele que o arregimentou”

– II Tim. 2:4

Sem perder o rumo

Quando pastores reconhecem sua vocação e se comprometem a fazer o trabalho para o qual foram chamados, isso os mantém firmemente direcionados, focalizados e atentos às muitas facetas deste trabalho singular de Deus. Jamais deveriam eles permitir-se distrair por *sidelines*, ou desperdiçando horas em assuntos alheios à obra pastoral. Infelizmente os pastores correm o risco de perder o rumo e, desse modo, tornarem-se improdutivos e sem efeito diante de Deus e da igreja.

As distrações frequentemente são como disfunções. E disfunções são resultado de características normais, próprias do ministério, saindo da pista e deixando de funcionar de modo aceitável. As distrações nos chegam através de muitos modelos, maneiras, tamanhos, e com diversas máscaras.

Conheço um pastor que gasta boa parte dos dias no campo de golfe. E não lhe sobra muito tempo para estar no escritório estudando, meditando e

planejando, nem para realizar um trabalho significativo. Normalmente ele costuma chegar tarde às reuniões e comissões, porque algumas vezes, juntamente com seus amigos, foi jogar uma gostosa partida; fazendo o que costuma chamar de “evangelismo do golfe”.

Outro que conheci costumava distrair-se com seu computador. Era tão hábil em manejá-lo que raramente o deixava. Os membros da igreja quase nunca o viam durante a semana. Certa vez uma pessoa se referiu a esse jovem pastor dizendo que ele era “invisível durante os seis dias da semana. Por isso, no sétimo, era incompreensível”. Com isso, queria dizer que o pastor dedicava pouco tempo ao preparo de suas mensagens.

Houve um pastor que ficava em casa cuidando de dois filhos pequenos enquanto a esposa trabalhava fora durante boa parte do dia. O casal estava sobrecarregado financeiramente e necessitava de dinheiro. Mas esse programa não lhe permitia

fazer muita coisa pela igreja que lhe tinha sido designada.

Uso do tempo

Aparentemente, pastorear é um trabalho fácil, no sentido de que o pastor tem domínio do seu tempo para fazer o que desejar. Então, preocupados em manter um estilo de vida sem dificuldades financeiras, alguns raciocinam: “Por que não fazer alguma coisa lucrativa nas horas vagas? Muita gente está fazendo isso.” Aí se põem a vender todo tipo de coisa, discretamente. Conheci um colega que atuava como corretor de uma funerária durante seu tempo “vago”.

Atividades extracurriculares são distrações que podem ter sérias consequências na vida do pastor. Ao falharmos em fazer do trabalho pastoral nossa paixão e nosso foco, em tempo integral, a obra de Deus enlanguesce, nossas congregações tornam-se enfraquecidas, e os santos de Deus não recebem a honesta e completa medida

de liderança pela qual a igreja ora e legitimamente espera.

Um homem que serviu como diretor de música em sua igreja, por 20 anos, afirmou que durante esse tempo não houve ali um pastor para quem a igreja fosse o primeiro amor, a prioridade máxima, ou sua paixão. E começou a listar os pastores e as coisas que roubavam o amor que deveriam dedicar ao pastorado. Um vivia ocupado na troca de automóveis; outro era ligado em computadores; outro se dedicava a comprar, vender e colecionar livros; e outro comprava e vendia casas e terrenos.

Disse mais esse irmão: “Havia ocasiões em que sentíamos que deveríamos criar algum tumulto para conseguir a atenção do pastor, por uns poucos momentos, antes que ele se voltasse para a sua verdadeira paixão.”

Dedicação total

Compreendo que as lutas econômicas dos pastores são reais. Mesmo quando a esposa também trabalha, há grandes pressões financeiras, especialmente entre aqueles que têm muitos filhos. Compreendo que ao aceitar um chamado para servir em algumas áreas do mundo hoje, a família pastoral pode estar sob ameaça de inesperados choques na economia.

Compreendo que pastorear às vezes é um trabalho frustrante. A igreja pode não ter desenvolvido ainda uma declaração de missão, de modo que o pastor saiba claramente o que se espera dele; as pessoas às vezes não estão em casa por muito tempo e, quando estão, nem sempre querem ser incomodadas por uma visita.

Apesar de tudo, pastor, considere isto: “Alguns que trabalharam no ministério deixaram de alcançar sucesso porque não deram interesse total à obra do Senhor. ... As energias do pastor são todas necessárias para o seu alto chamado. Suas melhores faculdades pertencem a Deus. Não deve ele envolver-se em especulações, ou em qualquer outro negócio que o desvie de sua grande obra. ‘Ninguém que milita’, escreveu Paulo, ‘se embarça com negócios desta vida, a fim de agradar aquele que o alistou para a guerra.’ II Tim. 2:4. Assim deu o apóstolo ênfase à necessidade do pastor se consagrar sem reservas ao serviço do Mestre. O pastor que está integralmente consagrado a Deus recusa em-

penhar-se em negócios que poderiam impedi-lo de se dar inteiramente ao sagrado mister.”

Situação preocupante

Alguns anos atrás, um administrador de Associação pediu-me para avaliar seus pastores. Enviamos um questionário a oficiais de sete igrejas do Campo. Eles foram orientados a ser breves e honestos nas respostas. Do que recebemos de volta, pudemos ter um quadro de cada pastor. Aqui estão alguns itens valiosos que resultaram desse trabalho:

“O pastor não parece ser espiritual.” Talvez essa foi a mais séria denúncia que já ouvi. O relatório dizia que o pastor tinha o “pavio curto” e um temperamento ruim. As reuniões de comissão eram um campo de batalha, porque se ele não conseguisse o que queria, ficava furioso. E se alguém dissesse ou fizesse algo de que o pastor não gostasse, dificilmente ele esquecia ou perdoava.

Quando foi confrontado com a avaliação, o pastor redirecionou a culpa: à insensibilidade de alguns líderes e às tremendas pressões sob as quais ele trabalhava. Foi-lhe difícil assumir qualquer responsabilidade pelas observações feitas.

É oportuno lembrar: “O inimigo que mais carecemos temer é o próprio eu. ... Enquanto estivermos no mundo, encontraremos influências adversas. Haverá provocações para ser provada a nossa tempera; e é enfrentando-as com espírito reto que as virtudes cristãs são desenvolvidas. Se Cristo habitar em nós, seremos pacientes, bondosos e indulgentes, alegres no meio das contrariedades e irritações. ... Cada um tem suas lutas pessoais a travar.”

Outra resposta dizia o seguinte:

“O pastor tem muitos interesses particulares dos quais ele exclui a igreja e o povo. Raramente é visto nas comissões, encontros com leigos ou reuniões da Associação. Sua família também o vê muito pouco.”

Esse pastor parecia não perceber que era responsável pelo gasto do seu tempo e suas energias naquilo que era, de fato, requerido dele. Mas o Senhor adverte: “Lembrem-se os pastores e professores de que Deus os considera responsáveis quanto a ocupar seu cargo da melhor maneira que lhes seja possível, e pôr em sua obra o melhor de suas energias. Não devem tomar

deveres que estejam em conflito com a obra que Deus lhes deu.”

Focalização correta

No início do meu ministério, fui aconselhado por um velho pregador: “Dê uma boa caminhada, Lloyd, em volta de si mesmo. Tente ver e ouvir o que outros podem estar vendo e ouvindo. Será a caminhada mais produtiva.” Tem você ouvido a si mesmo ultimamente? Tem observado o foco do seu ministério? Tem avaliado a influência e o exemplo de sua vida? Você aprova as conclusões a que chegou? Têm elas a aprovação de Deus? As respostas a tais perguntas podem encher muitas páginas. Mas em breves palavras eu diria:

- Revise regularmente seu senso de chamado divino.

- Renove sua consagração a Deus (Filip. 3:7 e 8).

- Busque de todo o coração, cada dia, a vontade de Deus para sua vida (Efés. 6:6).

- Deixe a compensação financeira no banco de trás do seu verdadeiro compromisso com o ministério que lhe foi confiado por Cristo.

- Priorize o reavivamento dos “santos” e a busca das ovelhas extraviadas e perdidas.

- Estude profundamente a Palavra e conserve-a no coração, de modo que você possa apresentar mensagens que transformem as pessoas.

- Não gaste tempo tentando agradar politicamente a homens. Preocupe-se em agradar a Deus.

- Ponha seu casamento no topo das prioridades. Ame sua esposa e faça dos seus filhos o primeiro campo missionário.

- Jamais perca o sentido de urgência da vida e do ministério. Estamos preparando um povo para a vinda do Senhor.

A injunção de Paulo ao jovem Timóteo foi: “Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus que há de julgar vivos e mortos, pela Sua manifestação e pelo Seu reino: Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. ... faz o trabalho de evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério” (II Tim. 4:2-5). **M**

Referências:

¹ Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, págs. 365 e 366.

² _____, *A Ciência do Bom Viver*, págs. 485 e 487.

³ _____, *Obreiros Evangélicos*, pág. 271.



Dwight K. Nelson

D. Min., pastor da igreja da Universidade Andrews, Estados Unidos

Devocional

Em Seu trato com Pedro, Jesus mostrou que devemos ser uma comunidade restauradora de caídos espirituais

Réquiem e ressurreição de um caído

Poderia haver alguma coisa mais gloriosa nesta vida do que a ressurreição de um morto? Algum tempo atrás, a Agência Reuters de Notícias divulgou uma informação curiosa. César Aguilera, 58 anos, perdeu-se após deixar sua casa em Tipitapa, região leste de Manágua, capital da Nicarágua. Na verdade, ficou perdido por alguns dias. Sua esposa e seus familiares mergulharam num terrível estado de apreensão. As autoridades não o encontravam; ninguém tinha respostas.

Depois de uma semana sem o menor sinal de vida, alguns familiares, desesperados, resolveram procurar o necrotério de Manágua. E ali, entre muitos cadáveres, encontrava-se o corpo de um homem que havia sido atropelado por um automóvel. Razoavelmente mutilado, o corpo foi identificado por familiares como sendo o de César e, com muita tristeza, eles fizeram os arranjos para levá-lo a Tipitapa, onde seria velado e sepultado.

Tudo pronto para o funeral, parentes e amigos estavam reunidos ao lado da esposa. E a cerimônia teve início. Então, inesperadamente, surge porta a dentro ninguém menos do que César, caminhando normalmente, vivo em carne e osso! Você pode imaginar o pandemônio em que se tornou aquele local. E um garoto assustado pulou de um canto da sala, gritando: “Você é deste mundo ou é do outro?” A partir daí começou o processo da verdadeira identificação do corpo que estava sendo velado. Mas, em relação a César, foi como se uma ressurreição tivesse acontecido.

Entrevistado pela rede local de TV no dia seguinte, César Aguilera disse que simplesmente saíra por uma semana, a fim de cuidar de sua propriedade rural, e tinha esquecido de avisar a esposa. Ela estivera perto de sepultar um corpo errado, e talvez agora estivesse tentada a querer sepultar o próprio César, aborrecida com o seu descuido.

Pode você imaginar aquele momento? Todos reunidos para sepultar uma pessoa, e então ela aparece andando indiferente a tudo! Tal como uma ressurreição. Tal como naquela noite de domingo quando o morto e sepultado Jesus Cristo, agora ressuscitado, atravessou as portas do cenáculo onde os discípulos ruminavam sua perplexidade. Ninguém poderia esquecer algo assim! Mas o que nós temos esquecido muito prontamente, e passado por alto com facilidade, é que o relato de João realmente contém a história de duas ressurreições. E é a segunda ressurreição ali mencionada que nossa igreja, em pleno terceiro milênio, ainda espera acontecer.

Comunidade perdoadora

“Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro da semana, trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos, com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-

Se no meio, e disse-lhes: Paz seja convosco” (João 20:19).

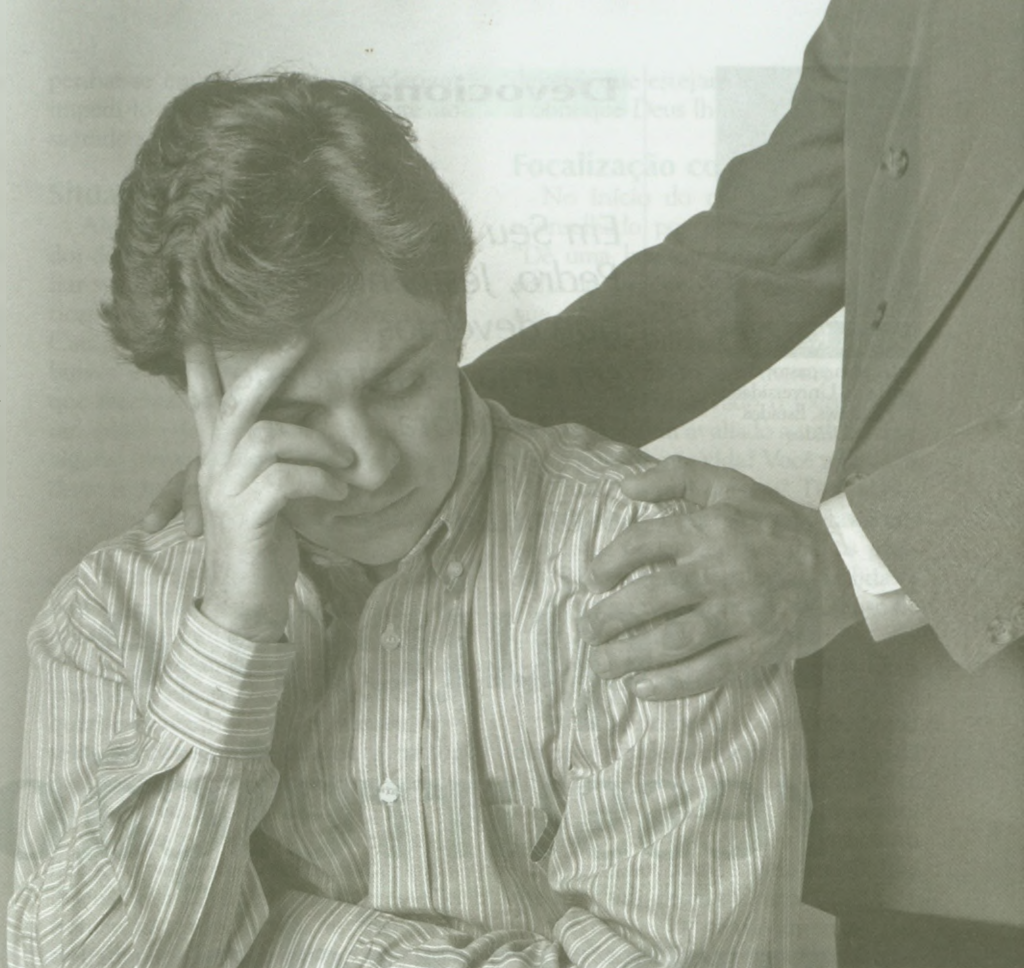
Quem sabe quantos cadeados e trancas os apavorados discípulos tinham colocado na porta daquele cenáculo? Obviamente eles não estavam reunidos ali para um culto de domingo à noite. O relato é embaraçosamente claro: as portas foram trancadas porque estavam “com medo dos judeus”.

Os onze sobreviventes entre os adeptos do pregador chacinado estavam absolutamente convencidos de que as mesmas autoridades que tinham executado brutalmente seu Mestre, na sexta-feira anterior, agora estavam no seu encalço, com detetives. Por essa razão, as portas estavam fechadas. Porém, a sublime verdade da ressurreição é que nem todas as fechaduras do mundo, juntas, poderiam deixar o Mestre do lado de fora. E foi assim que Jesus apareceu entre os petrificados discípulos, com um sorriso e dando-lhes uma saudação: “Paz!” E o local tornou-se agitado. Temor. Choque. E talvez alguém no canto gritou: “Você é deste mundo ou do outro?”

Não nos é dito quanto tempo levou para que os discípulos boquiabertos captassem a realidade viva e gloriosa que estava diante deles. Mas o que se torna claro é que com a saudação “Paz”, Jesus inicia a comunidade da ressurreição; aquela na qual nossa própria comunidade de fé precisa urgentemente se transformar.

“E, dizendo isto, lhes mostrou as mãos e o lado. Alegroum-se, portanto, os discípulos ao verem o Senhor. Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai Me enviou, Eu também vos envio. E, havendo dito isto, soprou sobre eles, e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo. Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos” (João 19:20-23).

É importante notar cuidadosamente: Esse é o modelo de uma comunidade da ressurreição. Uma comunidade que ressuscita, perdoa e restaura. Jesus disse: “Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos.”



William de Moraes

Aparentemente nós tememos aceitar as palavras de Jesus a nosso respeito como uma comunidade cristã; uma nova comunidade da ressurreição inaugurada por Ele. Certamente não gostamos da idéia de um sistema humanamente decidido e formalizado de perdoar. Mas em nosso medo de criar tal coisa, e portanto em nossa apologética defensiva, temos perdido a alegria do alto chamado que nos é feito nas palavras de Jesus – o convite do evangelho à segunda ressurreição.

Durante aquele mesmo final de semana, turbulento e escuro, houve outra morte. Alguém morreu. Tal como acontece com milhares que sucumbem espiritualmente. E se esses irmãos caídos não forem ressuscitados, nunca haverá uma comunidade da ressurreição. Absolutamente.

Lembra-se daquele robusto pescador, homem afeito às coisas do mar; aquele que fora chamado pessoalmente por Jesus para ser um pescador de homens? Aquele que em certa ocasião jurou lealdade a Cristo até à morte, que se tornou um líder designado para o círculo ministerial íntimo? Lembra-se dele? Aquele que viu

seu Mestre ser aprisionado e O acompanhava de longe; aquele que poucas horas mais tarde turvou ainda mais o ar frio da meia-noite, negando seu Senhor com obscuridades? Lembra-se de Pedro, o pastor?

“E quando acenderam fogo no meio do pátio, e juntos se assentaram, Pedro tomou lugar entre eles. Entrementes uma criada, vendo-o assentado ao fogo, fitando-o, disse: Este também estava com Ele. Mas Pedro negava, dizendo: Mulher, não O conheço. Pouco depois, vendo-o outro, disse: Também tu és um dos tais. Pedro, porém, protestava: Homem, não sou. E, tendo passado cerca de uma hora, outro afirmava, dizendo: Também este verdadeiramente estava com Ele, porque também é galileu. Mas Pedro insistia: Homem, não compreendo o que dizes. E logo, estando ele ainda a falar, cantou o galo. Então, voltando-Se o Senhor, fixou os olhos em Pedro, e Pedro se lembrou da palavra do Senhor, como lhe dissera: Hoje três vezes Me negarás, antes de cantar o galo. Então Pedro, saindo dali, chorou amargamente” (Luc. 22:54-62).

Caídos entre nós

Tenho observado irmãos e irmãs que têm caído espiritualmente, em nossa comunidade de fé. A vergonha. O estigma. Especialmente quando sua falta se torna pública. Certo dia escrevi uma carta a um irmão que, profundamente humilhado, abandonara a nossa comunidade sob um manto de escuridão. Era o dia do seu aniversário, e é meu costume enviar uma carta pessoal no aniversário de todos os membros da minha igreja. Mas devo admitir, envergonhado, que naquele dia, quando estava para iniciar aquela carta, hesitei.

Que nota pessoal eu deveria escrever em uma carta de aniversário para uma pessoa em tal situação? Não seria mais fácil rabiscar alguns ditos formais e colocar minha assinatura? Ou talvez nem mesmo enviar a carta, e deixá-lo pensar que simplesmente o havíamos esquecido. Sintome pouco à vontade em confessar esse meu embaraço pastoral.

Réquiem para um irmão caído. Réquiem é a palavra latina para “repouso”. Mas existe qualquer *repouso* para um irmão caído em nossa comunidade, nossa igreja? O que fazemos com nossos irmãos caídos? Tiramos seus privilégios? Revogamos seus direitos? Aprisionamo-los em sua culpa através do nosso silêncio coletivo e administrativo, banindo sua memória e suas realizações, para sempre, do nosso meio?

Réquiem para um irmão caído. Mas existe qualquer repouso para o caído entre nós? “Acaso sou eu o tutor do meu irmão?” (Gên. 4:9). Quão fácil é removê-lo. E quão difícil é perdoar. Réquiem para um irmão caído. Voltemo-nos para a ressurreição de Pedro.

Um pregador restaurado

É imperativo que saíamos do cenáculo, trancado e escuro, para respirar livremente a brisa suave que durante a noite varre a praia do Mar da Galiléia. É aí que a história continua: “Estavam juntos Simão Pedro, Tomé, chamado Dídimo, Natanael que era de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu e mais dois dos seus discípulos. Disse-lhes Simão Pedro: Vou pescar. Disseram-lhes os outros: Também nós vamos contigo. ...” (João 21:2 e 3).

Lembre-se de que Simão Pedro tinha caído de uma forma tão pública quanto é humanamente possível. Com o seu praguejar, ele jogou no

chão o nome de Jesus e o pisoteou, como se faz com uma ponta de cigarro, diante de todo o mundo naquela noite. O próprio Jesus ouviu a explosão de seu palavrado ralé: “Não conheço este homem.” Você não pode cair mais baixo do que repudiar publicamente seu Salvador através de suas palavras, sua vida, seu estilo de vida.

Quanto tempo um irmão como Pedro permaneceria em uma comunidade como a nossa? É um testemunho brilhante do amor de seu irmãos o fato de que Pedro não foi deixado a pescar sozinho naquela noite. “Também nós vamos contigo”, eles disseram. Devíamos fazer o mesmo. “Saíram e entraram no barco, e naquela noite nada apanharam” (João 21:3). A lua brilhava intensamente, tingindo a noite com tons prateados do Mar da Galiléia. Era uma bela noite, mas depressiva para Pedro; que estava não apenas moralmente caído, mas profissionalmente falido – pescando, quando deveria estar pregando.

Como tão frequentemente acontece, na esteira de uma queda moral, vem a bancarrota profissional. Uma dupla maldição, uma dupla indenização, um duplo perigo para o irmão caído. Nenhum peixe... durante toda a noite. Mas a noite chega ao fim. E junto com o primeiro frescor da brisa matinal e os primeiros raios da alvorada, surge o sinal de que outra ressurreição está prestes a acontecer.

“Mas ao clarear da madrugada, estava Jesus na praia; todavia os discípulos não reconheceram que era Ele. Perguntou-lhes Jesus: Filhos, tendes aí alguma coisa de comer? Responderam-Lhe: Não. Então lhes disse: Lançai a rede à direita do barco, e achareis. Assim fizeram, e já não podiam puxar a rede, tão grande era a quantidade de peixes” (João 21:4-6).

Naquele instante, o jovem João reconheceu o Estranho na praia e gritou: “É o Senhor!” E isso era tudo o que o despedaçado coração de seu irmão caído precisava saber. Colocando sua túnica, Pedro mergulhou por entre a muralha de barcos e nadou em direção à desolada praia onde estava Jesus. Que os outros continuassem a pesca. Ele precisava encontrar o Mestre Salvador. Tal é a ânsia do coração de um discípulo caído.

E depois do jejum daquela manhã, na praia com Jesus, o Evangelho de João poderia muito bem ter relatado que “quando eles terminaram de

comer, chegara o tempo para outra ressurreição”. Pois diante de todos os demais, Jesus fitou profundamente os olhos e o coração de Seu filho caído, e disse: “Três vezes, Pedro, você assegurou que nunca Me conheceu. E três vezes Eu lhe pergunto, diante de todos estes seus irmãos: Você Me ama? Você Me ama? Você realmente Me ama?”

E por três vezes, com a vergonha e o peso de milhares de mortos espirituais sobre seu culpado coração, Pedro, com muita dificuldade para olhar nos olhos do seu Mestre, com uma voz humilde, quase inaudível, responde: “Sim... sim... sim.” Em seguida, novamente por três vezes, o crucificado e ressurreto Salvador do mundo decretou a reintegração de Pedro: “Apascenta os Meus cordeiros”; “Pastoreia as Minhas ovelhas”; “Apascenta as Minhas ovelhas”. O mesmo que disse “Eu sou o bom pastor” (João 10:11) é o mesmo que, menos de 40 dias depois da vergonhosa queda pública de Pedro, ressuscitou esse irmão caído e o reintegrou ao pastorado.

“Amas-Me...? Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo ... Apascenta as Minhas ovelhas... Segue-Me” (João 21:15-19). Réquiem e ressurreição para um irmão caído.

Queda e ascensão

O que um irmão caído precisa fazer para ser ressuscitado e restaurado a uma comunidade como a sua e a minha? E quanto tempo ele deve permanecer caído? Com isso eu quero dizer: quanto tempo o adjetivo “caído” deve permanecer ligado à sua memória? Não estou falando sobre o relatório de Deus; estou me referindo ao nosso. E já que estamos neste ponto, perguntemo-nos a nós mesmos: Devem esses irmãos e irmãs permanecer com nossos irmãos enquanto estão caídos? Você pode sugerir que isso depende do comportamento deles; se realmente se arrependem de sua falha ou não. É assim? Há um tempo quando eu já não sou guardador do meu irmão?

A esta altura, você pode estar se perguntando: O que este autor está sugerindo? Está querendo dizer que não importa o fato de eles se arrependem ou não de sua falha pública? Eu não estou sugerindo isso, absolutamente. Na verdade, nem mesmo estou pensando na resposta deles agora. Estou perguntando a respeito de nós. Quando é que finalmente

“A verdade a respeito da graça é que eu nunca poderei estendê-la a você, até que eu a experimente em mim”

deixamos de aplicar o adjetivo “caído” à memória deles?

Em seu livro sobre a comunidade cristã, intitulado *Life Together*, Dietrich Bonhoeffer faz uma observação inquietante: “Aquele que está só com seu pecado está completamente só. Pode ser que os cristãos, apesar do louvor corporativo, oração comum, e todo o companheirismo demonstrado no culto, ainda possam ser deixados em solidão. A brecha final para o companheirismo [leia-se comunidade] não ocorre porque, embora eles desenvolvam mútuo companheirismo, como crentes e pessoas devotas, não têm companheirismo com os menos devotos, com os pecadores. O companheirismo pio não permite que alguém seja um pecador. Assim todos ocultam seu pecado de si mesmo e da irmandade. Não nos imaginamos pecadores. Muitos cristãos ficam inconcebivelmente horrorizados quando um pecador real é subitamente descoberto entre os justos. Dessa forma, permanecemos sós, com nosso pecado, vivendo em mentira e hipocrisia. O fato é que todos nós somos pecadores!”¹

Poderia ser que a razão pela qual somos tão duros com os caídos seja porque sua queda nos faz lembrar de nós mesmos? E assim pretendemos piedade em nós e requeremos piedade nos outros. Como Bonhoeffer escreveu, “o companheirismo pio não permite alguém ser pecador”. Mas, tragicamente, é através dessa pretensão que inadvertidamente sufocamos qualquer possibilidade de genuína comunidade. Como eu posso me arriscar a qualquer aproximação de você em uma comunidade ou um grupo pequeno, considerando que você pode descobrir que sou um pecador? E sabendo quão duro tenho sido com os pecadores e quão intolerantes somos todos nós com os caídos, não posso arriscar-me a ser vulnerável e transparente ao seu lado. Você pode me rejeitar.

É assim que vestimos nossas máscaras de piedade. E vivemos a mentira,

porque todos somos pecadores. E vivemos sós. Como disse Bonhoeffer, “o que está só com seu pecado está completamente só”. Não pode haver a comunidade da ressurreição. E

isso é uma comédia trágica. O que nós mais desejamos evitar, quando pretendemos ser o que não somos, é aquilo que realmente somos: pecadores, todos nós, necessitados da graça divina.

Como você pode ver, comunidade sem a graça é um paradoxo. Pois isso não é, absolutamente, comunidade. Talvez seja um “companheirismo religioso”. Mas não é genuína comunidade cristã. Só a graça pode ressuscitar a comunidade. Se não há graça, não há ressurreição nem comunidade. A verdade a respeito da graça é que eu nunca poderei estendê-la a você – caído como é – até que eu a experimente em mim – caído como sou. Você não pode viver a Páscoa antes da sexta-feira. A cruz precisa vir primeiro. Não posso ressuscitá-lo antes que a graça me tenha restaurado. “Simão, filho de João, amas-Me...?” “Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo.” “Então agora vá e ame o caído; traga-o a Mim.”

Uma vez que eu compreenda a verdade que o Calvário é a manifestação do perdão de Deus a todo pecador que já viveu e de todo pecado que já foi cometido; uma vez que eu compreenda a magnitude da graça de Deus em favor de um caído como eu, não haverá um irmão caído a quem eu não possa amar com Seu amor. É assim que a graça opera: com suas portas abertas a todos. E quando a graça opera, a comunidade floresce. Pois somente a graça pode ressuscitar uma comunidade.

Brennan Manning, no livro *The Ragamuffin Gospel*, conta uma história que nos faz pensar:

“Quatro anos atrás, em uma grande cidade no extremo Ocidente, espalharam-se rumores de que uma certa mulher católica estava tendo visões de Jesus. Os comentários alcançaram o arcebispo da região, que decidiu verificar pessoalmente o fenômeno.

“É verdade, irmã, que a senhora tem visões de Jesus?” perguntou o clérigo.

“Sim”, a mulher respondeu com simplicidade.

“Bem, na próxima vez em que a vi-

são acontecer, gostaria que a senhora pedisse que Jesus lhe dissesse quais foram os pecados que confessei em minha última confissão.”

“A mulher ficou atônita. ‘Bispo, será que ouvi bem? O senhor realmente quer que eu peça a Jesus para me contar seus pecados passados?’

“Exatamente. E por favor, me avise por telefone quando isso acontecer”, o bispo orientou.

“Dez dias mais tarde, a mulher notificou seu líder espiritual a respeito de uma suposta aparição de Cristo. ‘Pode vir’, ela anunciou.

“Em pouco tempo o arcebispo chegou. Olhou-a nos olhos e disse: ‘A senhora falou-me ao telefone que realmente teve uma nova visão de Jesus. Fez o que lhe pedi?’

“Sim, bispo. Perguntei a Jesus sobre os pecados que o senhor confessou em sua última confissão.”

“O bispo inclinou-se para frente, ansioso. Seus olhos se contraíram, e ele perguntou:

“E o que Jesus lhe disse?”

“A velha senhora tomou as mãos do sacerdote, fitou-lhe os olhos e respondeu: ‘Bispo, foram exatamente estas as palavras de Jesus: Não Me lembro’.”²

Talvez a visão fosse apócrifa. Mas, há um século, foram escritas estas palavras: “Se vos entregardes a Ele e O aceitardes como vosso Salvador, sereis então, por pecaminosa que tenha sido vossa vida, considerados justos ... e sereis aceitos diante de Deus exatamente como se não houvésseis pecado.”

“Eu, Eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de Mim, e dos teus pecados não Me lembro” (Isa. 43:25).

“Não Me lembro.”

A verdade é que genuína comunidade só pode acontecer quando homens e mulheres se reúnem em nome do Cristo ressuscitado cuja graça perdoadora declara: “Não Me lembro.” É quando dizemos a mesma coisa sobre nosso irmão caído que o ressuscitamos, restauramos e revivemos nossa comunidade. Somente a graça pode ressuscitar uma comunidade. **M**

Referências:

¹ Dietrich Bonhoeffer, *Life Together* (San Francisco: Harper, 1954), pág. 110.

² Brennan Manning, *The Ragamuffin Gospel* (Multnomah Books, 1990), págs. 116 e 117.

³ Ellen G. White, *Caminho a Cristo*, pág. 62.



Miguel Angel
Nuñez

Professor do
Seminário Teológico
da Universidade
Adventista del Plata,
Argentina

Família

*O lar é o campo
de trabalho mais
importante do pastor.
É aí que ele revela
qualidades de
verdadeiro
líder espiritual*

Salvemos nossos filhos

É um fato doloroso que familiares de pastores, anciãos e outros líderes às vezes deixem a igreja. Não falamos desse assunto abertamente, embora costumemos comentá-lo de maneira velada. Preferimos falar de alvos, conquistas e realizações, em lugar de reveses e derrotas. Mas o problema existe, e o silêncio pode implicar falha na busca de soluções que ponham fim à situação.

Tendo pastoreado jovens por 18 anos, aprendi algumas lições vitais para o desenvolvimento da vida das famílias da igreja. Trabalho com filhos, porém quero me dirigir aos pais. Há algumas perguntas que devemos fazer-nos, embora sejam incômodas: De que vale buscar salvar outros, se perdemos nossa família? Que sentido existe em levar paz a outros, se os nossos carecem dessa paz? De que vale outros conhecerem o amor de Deus, se os nossos não o experimentam?

O amor começa em casa, e isso é dramaticamente certo na vida daqueles que foram chamados para levar o evangelho a outros e administrar os negócios do Senhor.

O porquê das perdas

São muitas as causas pelas quais alguns levam os estranhos a Deus, mas perdem seus familiares. Eis aqui algumas delas:

Má compreensão da missão. Se o pastor não entende que o evangelismo começa em “Jerusalém”, cedo ou tarde perderá os filhos. “Jerusalém” é nosso lar; o primeiro campo missionário. Não estamos em condições de ir a outros lugares, se os nossos não conhecem o Senhor. Somente depois de conquistar “Jerusalém”, é que poderemos ir à “Judéia”.

Incoerência. Outra razão pela qual muitos jovens rejeitam os valores e crenças dos pais/líderes é a diferença que percebem entre a teoria e a prática. O discurso não tem valor se não é acompanhado pelo exemplo.

Rigidez legalista. Alguns pais enfatizam normas, sem a pessoa de Cristo. Crêem na justificação pela fé, mas agem como se fossem salvos pelas obras. Ou apresentam um Cristo recriador, a quem os filhos não conseguem amar. Por isso, colhem frustração e derrota.

Má distribuição do tempo. Todos nós dispomos de 24 horas. O problema não é o tempo, mas o que fazemos com ele. Se a família não entende que ocupa o primeiro lugar, não importa quanto tempo é investido nas atividades da igreja; o amor dos filhos por Jesus não se desenvolverá como gostaríamos.

Vida devocional deficiente. Muitos líderes, ocupados com as inúmeras tarefas, negligenciam a vida devocional particular e em família. A máxima de que “a família que ora unida permanece unida” continua sendo verdade – é a salvaguarda contra o enfraquecimento espiritual e apostasia.

Crítica. Quando criticamos os líderes ou irmãos da igreja, a mensagem que transmitimos aos nossos filhos é que não vale a pena pertencer a uma comunidade com tais pessoas.

É primordial que respondamos: Quanto tempo dedico à família? Ninguém deve ser tão ocupado que não tenha tempo para a esposa e os filhos. Que vêm os meus filhos em mim, dentro de casa? Não podemos falar do amor de Deus no púlpito e ser despotas, autoritários e desconsiderados no



culto da manhã e da noite. ... Saem para o trabalho como o boi ou o cavalo, sem um pensamento de Deus ou do Céu. ... eles, porém, têm pouco mais apreciação de Sua grande bondade do que a têm os animais que perecem.”¹

Eliminar a crítica. Às vezes nos esquecemos de que prestaremos contas a Deus de toda palavra ociosa. Nossos lábios devem emitir somente expressões de gratidão. Devemos confiar em Deus e entender que Ele cuida de Sua Igreja. “No lar o espírito de crítica e maledicência não deve ocorrer. A paz do lar é demasiado sagrada para ser maculada por este espírito. Mas não raro, quando assentados à

mesa, os membros da família passam ao redor um prato de criticismo, de diz-que-diz-que, de escândalo. Viesse Cristo hoje, e não encontraria muitas das famílias que se dizem cristãs acariciando o espírito de criticismo e maldade? Os membros de tais famílias não estão aptos para se unirem com os membros da família de cima.”²

Ninguém deve ser tão ocupado que não tenha tempo para a família

lar. Que pensa minha família da liderança que exerço? Se não acreditam em nós como líderes, algo está errado. Quais são as prioridades da minha vida? A busca de perdidos é uma tarefa nobre; mas, não raro, pode ser realizada com motivos egoístas. Querer salvar outros pensando em alguma recompensa terrena, é desconhecer a santidade da missão.

O que fazer

Entender e viver a missão. A primeira igreja é minha família. Um lar estável, com filhos que amem a Deus, é o melhor sermão. “A obra da santificação começa no lar. Os que são cristãos em casa serão cristãos na igreja e no mundo. Há muitos que não crescem na graça, porque deixam de cultivar a religião no lar.”³

Coerência com o evangelho. Nossa vida é o discurso mais poderoso que nossos filhos podem ouvir. “A influência espontânea e inconsciente de uma vida santa é o mais convincente sermão que se pode fazer em prol do cristianismo. O argumento, mesmo quando seja irresponsável, pode só provocar oposição; mas o exemplo

piadoso tem um poder a que é impossível resistir completamente.”⁴

Conversão a Cristo. Creio, honestamente, que muitos pastores necessitam converter-se ao verdadeiro evangelho. Devem aprender que Jesus estabeleceu diferença en-

tre condutas próprias da fraqueza humana e ações realizadas deliberadamente. Precisamos tratar nossos filhos como Cristo trata Sua igreja. Se o evangelho for percebido como rígido, cedo ou tarde os filhos o abandonarão. “Uma religião legalista tem sido considerada uma forma correta de religião para este tempo. Mas é engano. A repreensão de Jesus aos fariseus é aplicável aos que perderam do coração o primeiro amor. Uma religião fria, legalista, jamais pode levar almas a Cristo; pois é destituída de amor, é religião sem Cristo.”⁵

Remir o tempo. As prioridades nos delatam. Para o cristão, as prioridades são: Deus, o cônjuge, os filhos e o trabalho. Se a esposa e os filhos não sabem que são, depois de Deus, a coisa mais importante, é certo que o pastor fracassará como pai e como líder espiritual.

Devoção em família. É tão importante fazer o culto em família como viver o culto. Devemos ser vistos, por nossos filhos, louvando a Deus e estudando Sua Palavra. “Em muitos lares a oração é negligenciada. Os pais entendem que não possuem tempo para o

Líder qualificado

A salvação de nossas famílias é o intenso desejo do Senhor que nos chamou. O inimigo quer o contrário, e envida todos os esforços para conseguir seus propósitos de destruição.

É de joelhos que conquistamos nossos familiares para Deus; é com amor, não com açoites, que conduzimos nossos filhos para o Céu. O líder que negligencia sua casa não está capacitado para servir à Igreja, não importa os talentos naturais que possua, muito menos os bons resultados que possa conseguir com seu trabalho.

Devemos levar mais a sério o fato de que Paulo é taxativo em afirmar que o líder que não administra bem sua casa tampouco está em condições de administrar adequadamente a Igreja, qualquer que seja o segmento em que atue. **M**

Referências:

- ¹ Ellen G. White, *Orientação da Criança*, pág. 481.
- ² _____, *Exaltai-O!*, pág. 318.
- ³ _____, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 388.
- ⁴ _____, *Patriarcas e Profetas*, págs. 143 e 144.
- ⁵ _____, *O Lar Adventista*, pág. 440.



Miroslav Kis

Ph.D., é professor de Ética no seminário teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

Ética

Os caminhos que levam ao rompimento de uma união conjugal, e como evitá-los

Flertando com o inimigo

Os pastores estão suscetíveis às mesmas causas de turbulências conjugais que perturbam outras pessoas. Mas, em virtude da singularidade do seu trabalho, algumas dessas causas são específicas e mais complexas. Neste artigo, primeiro vamos tratar das causas para infidelidade e, em seguida, abordaremos razões específicas das lutas conjugais no pastorado.

Estresse e esgotamento são frequentemente as causas mais citadas para infidelidade no casamento. A falta de tempo e disposição impede a satisfação sexual e a intimidade, resultando no enfraquecimento do autocontrole.

Incapacidade para relacionamentos é outra razão. Isso significa falta da exclusividade, permanência e devoção requeridas no casamento, por parte de um ou de ambos os cônjuges. Imaturidade emocional, insegurança financeira e atitude irresponsável para com a vida minam o terreno matrimonial.

Fantasia e vícios sexuais corroem os laços conjugais. Muito preocupante é o apego à pornografia, onde um par-

ceiro imaginário, jovem e atraente, obscurece o relacionamento real.

Aridez espiritual diminui a resistência às tentações. A resposta de José à esposa de Potifar é reveladora (Gên. 39:9). Somente no contexto de um íntimo andar com Deus, o desvio sexual será visto como pecado.

Imprudência. Mascarada como autoconfiança ou negação, a imprudência também causa tragédias conjugais. Muitos raciocinam: "Isto nunca acontecerá comigo"; ou: "Qual é o problema em se manter uma amizade sincera?" O fato é que nenhum pastor está livre de problemas sexuais.¹

*Vulnerabilidade.*² Atenção, admiração e proximidade de alguém do sexo oposto podem ser armadilhas. O indivíduo não percebe sua fraqueza até cair na cilada.

Crises existenciais levam-nos a entender que muitos sonhos e esperanças não serão realizados. Perguntas tais como: "Isto é tudo?"; "não há mais nada na vida?" são gritos silenciosos de desespero. E muitos são tentados a

compensar o que julgam ter "perdido", em relações ilícitas.

Pamela Cooper-White acrescenta outras causas, entre as quais estão: "baixa auto-estima; manutenção de valores excessivamente tradicionais, mascarados com uma retórica liberal, sobre os papéis masculino e feminino; pobre controle dos impulsos; senso de estar 'acima da lei' e outras armadilhas narcisistas; dificuldade em assumir a responsabilidade por erros e em se relacionar apropriadamente com o sexo oposto."³

Razões da queda

Com a palavra "razões" queremos dizer uma explicação ou um motivo por trás da causa de uma ação. Por exemplo, o estresse é uma grande causa de problemas morais. Mas as razões que o explicam e finalmente respondem *por que* o adúltero atinge pastores podem ser muitas. Aqui estão algumas delas:

Expectativas irreais podem figurar como a principal razão do estresse pastoral.⁴ Os muitos deveres que devem ser cumpridos pelo pastor a qualquer hora,

combinados com as diversas personalidades para as quais ele deve estar disponível, pedem uma reflexão. O pastor está sempre “acima da própria cabeça”.⁵ Pregação, estudo bíblico, treinamento, socialização dentro e fora da igreja, formulação e apoio a projetos, assistência a jovens, idosos, adultos de meia-idade, e assim por diante.

Nada existe que possa induzir ao pecado, exceto a negligência na comunhão com Deus

Recentemente ouvi de um pastor, vítima do adultério da esposa: “Eu era um ‘superpastor’ e negligenciei meus deveres como esposo. Mas o que poderia eu fazer? Imagine um encontro ministerial regular. Cada departamental nos carregando e cobrando a promoção de projetos, relatórios, instando-nos a alcançar metas até a próxima reunião. Eu tinha que me superar todo o tempo.”

Enquanto eu o ouvia, não pude evitar uma intrigante questão: Por que alguns líderes não agem com mais equilíbrio? Embora o trabalho duro seja uma virtude, trabalhar excessivamente é um vício. “Enquanto o estresse aumenta, o bom julgamento de uma pessoa decresce.” O pastor não percebe a deterioração de sua família até que seja muito tarde.⁶ Heather Bryce lista alguns outros fatores que pertencem à categoria de estressores, devido às expectativas irreais:

“*Rênda insuficiente* é capaz de gerar problemas no lar. Pode suscitar dúvidas sobre o cuidado de Deus, ou levar a esposa a buscar trabalho fora, produzindo um sentimento de distância...

“*Indefinição de sucesso no pastorado* causa problemas futuros. Um pastor, como qualquer pessoa, necessita sentir que tem êxito. O sucesso no ministério não deveria ser medido por padrões humanos, mas é. O pastor, especialmente na meia-idade, sempre está lutando para sentir que está fazendo bem...

“*Então existe a ‘licença profissional’ para guardar segredos*, refletida em conversações como esta:

“Com quem você falou hoje, querido?”

“Bem, pessoas com problemas, como de costume.”

“Quem, por exemplo?”

“É melhor você não saber, está bem?”

“Para não parecer ciumenta, curiosa e aborrecida, a esposa do pastor tem de deixá-lo entregue a seu trabalho – quase sem atenção.”⁷

Modelos pobres ou inexistentes. Cônjuges que cresceram em uma família com apenas um dos pais, ou sem os pais, vivem com deficiências de modelos de papéis masculinos e femininos saudáveis no lar. O mesmo acontece com os que vêm de famílias abusivas ou desestruturadas.

Incapacidade para conciliar as demandas ministeriais com a vida conjugal. Isso vai além de uma escala pobre de valores. Por exemplo, a imagem de objeto sensual que têm a mulher e o sexo, na cultura secular, não cabe no casamento pastoral. Tenho aconselhado indivíduos que não conseguem administrar a tensão entre sua baixa visão da sexualidade e a pureza moral.

Traumas passados não resolvidos criam fraquezas e sensibilidades das quais a pessoa pode não estar desperta até que a tentação golpeia. Esses traumas incluem as lembranças de abuso, experiências negativas com o sexo oposto, divórcios dos pais. Em tempos de rejeição ou injustiça na vida profissional, as lembranças antigas podem emergir. Não querendo partilhar tais sentimentos com a esposa ou com um amigo confiável, o pastor tentará conservá-los dentro de si, até abrir-se vulneravelmente a uma secretária considerada leal.

Mau uso do poder. Indivíduos poderosos fascinam o sexo oposto. O pastor de certa forma está em evidência e exerce liderança sobre homens e mulheres.⁸ O abuso desse poder começa quando ele usa sua função para tirar vantagem e satisfazer necessidades pessoais, especialmente aquelas pertencentes ao círculo do casamento. O mau uso do poder lhe permite influenciar um potencial relacionamento secreto, por causa das informações privilegiadas que tem sobre a outra pessoa. Também pode silenciar a vítima, fazendo-a temer o descrédito. Finalmen-

te faz com que o indivíduo se dê o “direito” a escapadas “inocentes”, como se estivesse “acima da lei”.⁹

Karen Lebacqz comenta: “O fato de que o poder profissional é legitimado e institucionalizado nos tem cegado para a importância da mera existência desse poder. Exatamente porque ele é poder legítimo – autoridade – nos esquecemos de que há uma diferença de poder entre profissional e cliente. Também nos esquecemos de que há um tipo de poder muito difícil de ser conquistado pelos clientes. A vulnerabilidade de cliente para o profissional difere da vulnerabilidade entre amigos: o profissional pode não apenas prejudicar meus sentimentos, mas tem poder legitimado, institucionalizado para fazer mudanças significativas em minha vida.”¹⁰

Confiança. Ao assumir uma igreja, o pastor recebe a demonstração de confiança das pessoas. Quando eu era um jovem pastor, acostumei-me ao fato de que muitos irmãos idosos queriam meu conselho e guia em assuntos próprios da sua faixa etária. A confiança na função e a confiança construída por meu antecessor repousavam sobre meus ombros, e eu tinha que me mostrar confiável. Uma pessoa do sexo oposto raramente falará sobre temas confidenciais e pessoais com outra pessoa, como o faz com um pastor.

Essas são algumas causas observadas, e as razões por trás delas podem resultar em adultério. Há um outro ângulo do qual precisamos abordar o assunto, ou seja, a maneira como ocorre a infidelidade sexual.

Em direção ao abismo

Casos sexuais não acontecem simplesmente, não são inevitáveis, nem podem ser creditados apenas à biologia. Algumas fatalidades são fruto de condicionamentos culturais longamente fortalecidos; e outras são resultado da idéia de que a biologia dirige o comportamento sexual de homens e mulheres.¹¹ Mas, por trás da maioria se não de todo ato imoral, há um contexto do qual a conduta emerge. As causas são coniventes com algumas razões. Mesmo quando os dois agentes ficam surpresos e perplexos com o que aconteceu, um olhar mais apurado descobrirá alguma forma de flerte com o inimigo. Um ato de infidelidade sexual é muito provavelmente o término de uma longa jornada.

Outra característica desse pecado é que os primeiros passos na jornada são muito sutis e inocentes. Somente depois, a pessoa compreenderá que caiu na armadilha de um relacionamento do qual não será fácil sair. Tentaremos desmascarar algumas dessas ciladas.

Sinais misturados. Suponha que eu cumprimente com um aperto de mãos uma atraente senhora da igreja, e ela segure minha mão mais firmemente e alguns segundos a mais do que costumamente o faz. Ela não teve má intenção. Talvez estivesse distraída, ou sob o impacto de algo que falei no sermão e que lhe agradou. Mas eu interpretei que ela gostou de segurar minha mão. Na próxima vez que eu a vejo, ela sorri e me diz: “oi!” Eu ouço isso em uma conotação intrigante. Aperto-lhe a mão e respondo: “oi!”, mas soando algo como “nós!”

Perigo à vista! Daqui para a frente há um abismo. Apenas um fio nos separa. Logo esse fio começará a ser tecido e então estaremos na teia. Mesmo que o problema exista apenas em minha mente; e ela nem imagine o que estou pensando, minhas respostas podem colocar algumas idéias na cabeça dela. E se isso acontecer, justamente quando ela estiver estressada e quando eu lutar com meus problemas, os riscos são muito altos.

A armadilha da fealdade. Acabo de chegar à minha nova igreja. Pela primeira vez contemplo os rostos desta congregação. E me pergunto quem me apoiará, que problemas existem, quem está à margem, e quem está sofrendo. Mas também olho como homem. E noto velhos, crianças, homens, mulheres e jovens. Alguns rostos femininos me são atraentes. Compreendo o que está acontecendo e, em humildade, confesso e oro: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova dentro em mim um espírito inabalável” (Sal. 51:10). Decido ser cuidadoso e prudente, mas também agradável a todos eles.

Essa é uma decisão correta. Quando tornada habitual, é um forte aliado. “A susceptibilidade aos pecados sexuais começa de fato com a atração.”¹² Mas o que dizer daquelas irmãs que não são consideradas atraentes? Muitos casos adúlteros envolvem justamente esse segundo grupo de irmãs em Cristo; porque, com a guarda abaixada, ficamos vulneráveis à tentação.

A armadilha da ilicitude. Aqui está uma coisa estimulante ao erro. Ini-

cialmente, as conseqüências imediatas não parecem tão más. É estranho como um relacionamento ilícito parece melhorar as coisas para as duas partes. A vida com os respectivos cônjuges parece ter novo impulso, os sermões soam apropriados e oportunos. Mesmo aqueles que falam contra ligações proibidas soam convincentes. O nível de energia fica surpreendentemente alto. Como pode alguém julgar pecaminosa uma simples amizade com outra mulher?¹³

A armadilha da alma gêmea. “Nós funcionamos como luva na mão. Ela me entende como ninguém. O que há de errado em uma pessoa levar os fardos de outra (Gál. 6:2)? Ela é como uma alma gêmea.” Se o caso chegou até aqui, daqui não deve passar. Pare, agora! A única alma gêmea de um esposo é sua esposa; e ninguém mais.

A armadilha do conhecimento. “Eu a conheço desde criança; ela poderia ser minha filha. É gostoso reatar a antiga amizade, lembrar os bons tempos quando nossas famílias viviam juntas. Ela sempre foi encantadora e não nos víamos desde que ela cursava o fundamental. Não há nada de romântico entre esta jovem e este velho.”

Pare! Ela já não é uma criança. Se alguma vez a carregou no colo ou afagou seus cabelos, agora é totalmente diferente. Mulheres jovens podem sentir atração por homens maduros, bem situados, que representem a figura do pai. É vice-versa.

A causa das causas

Não existem causas finais, razões absolutas para a infidelidade matrimonial. Ninguém pode dar razões incontestáveis para o adultério. O catálogo de motivos apresentado aqui não é normativo; é apenas o que pode ser observado na vida real. Nada existe que possa induzir-nos a prostituir nosso sagrado matrimônio, exceto a superficialidade e fraqueza de nossa comunhão com Deus. O Senhor tem tudo a ver com nossa fidelidade conjugal. Pergunte isso a Abimeleque (Gên. 20); a José (Gên. 39:6-12); a Eli (1 Sam. 2:25), e a Davi (Sal. 51:4).

Minha esposa é propriedade privada de Deus, assim como eu. A única razão para não violar essa privacidade é o sagrado compromisso que fizemos de nos amarmos até que a morte nos separe. Todos os outros seres humanos também são propriedade de Deus. Por-

tanto não ousemos defraudá-Lo, impunemente, de Sua sagrada possessão.

Deus não capitulou diante do pecado sexual. Ele é mais poderoso que o sexo. Pode nos conduzir seguros nas cicatrizes das mãos do Seu Filho, proteger nossas vulnerabilidades, curar nossas feridas e fortalecer nossa fraqueza. A única causa real que pode nos levar ao pecado é a negligência em nossa comunhão com o Supremo Pastor. Essa é a causa das causas, a razão de todas as razões.

Medidas preventivas

Lois Mowday Rabey tem algo a nos dizer em termos de prevenção: “Se você está em uma situação vulnerável, reconheça que seu julgamento pode ser enfraquecido. Decida viver pelos padrões bíblicos, não importa qual seja a situação. Não se permita racionalizar sobre o pecado, por nenhum motivo. Aja cuidadosamente em tomar qualquer decisão. Aconselhe-se e relacione-se com amigos cristãos, comprometidos, e que andem intimamente com o Senhor. Diminua, se possível, a carga de trabalho. Mantenha o básico: permaneça na Palavra, medite, ore, e esteja sempre em companhia de crentes que andam com Deus. Não dê um passo sequer em direção a um relacionamento que possa induzi-lo a um comportamento pecaminoso. Ore por proteção, discernimento e repouso. Aproxime-se do Senhor, até começar a sentir Sua presença. Permaneça nEle, leia a respeito dEle, fale com Ele, pense nEle. Focalize sempre sobre Jesus.”¹⁴ **M**

Referências:

- ¹ J. G. Grenz e R. D. Bell, *Betrayal of Trust* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1995) pág. 39.
- ² L. M. Rabey, *The Snares* (Colorado Springs: Navpress, 1988), págs. 25-30.
- ³ Pamela Cooper-White, *The Christian Century* 108, 20/02/1991, pág. 198.
- ⁴ J. T. Seat, J. T. Trent e I. K. Kim, *Journal of Pastoral Care* 47 (Winter 1993, n° 4), pág. 367.
- ⁵ Joy Jordan-Lake, “Conduct Unbecoming a Preacher”, *Christianity Today* 36, 10/02/1992.
- ⁶ *Ibidem*.
- ⁷ Heather Bryce, *Leadership IX* (Winter 1988), vol. 1, pág. 63.
- ⁸ Pamela Cooper-White, *Op. Cit.*, pág. 197.
- ⁹ J. N. Poling, *The Abuse of the Power* (Nashville: Abingdon, 1991), págs. 23-48.
- ¹⁰ Karen Lebacqz, *Professional Ethics: Power and Paradox* (Nashville: Abingdon, 1985), págs. 114 e 115.
- ¹¹ Peter Rutter, *Sex, Power, and Boundaries* (Nova York: Bantam Books, 1996), págs. 26 e 27.
- ¹² Stanley J. Grenz, *Op. Cit.*, pág. 131.
- ¹³ P. Roger Hillerstrom, *Intimate Deception* (Portland: Multnomah, 1989), págs. 43 e 44.
- ¹⁴ L. M. Rabey, *Op. Cit.*, pág. 30.



Meu pai é pastor

*L*embro-me dele, à mesa, antes de tomarmos o desjejum, dirigindo o culto familiar.

Lembro-me dele no escritório. Bíblia em cima da escrivaninha, óculos cuidadosamente postos ao lado, e ele ajoelhado conversando com o Pai.

Lembro-me dele em suas noites. Quero dizer... não me lembro muito. Ele quase não ficava em casa durante a noite. Sempre tinha alguém para visitar, um estudo bíblico para dar, um necessitado para atender, um culto a realizar.

Lembro-me dele quando defendia não o mais conveniente nem o mais popular; mas o certo, pelo simples fato de ser o certo.

Lembro-me dele naqueles momentos em que, ao sentar-se ao lado de alguém no ônibus, ou esperar na fila de um banco, iniciava uma conversa com alguém, para falar sobre Jesus.

Lembro-me do brilho dos seus olhos, quando precisava identificar-se como pastor. Ele considera uma honra ser pastor.

Mas não me lembro de algumas coisas como, por exemplo, ouvir de seus lábios palavras de descontentamento ou crítica contra os líderes. Mesmo quando eu captava sua tristeza e buscava dele uma palavra de censura, o máximo que ouvia era: "cada um dará conta de seu ministério a Deus".

Não me lembro de tê-lo visto lutando para galgar posições na Igreja. Sempre estava feliz em qualquer lugar. A política não o seduziu.

Sua crença firme é que Deus deve atuar por meio das comissões; e não que as pessoas, em nome de Deus, atendam interesses pessoais. Uma visão idealista, talvez guardada apenas para aqueles que confiam mais em Deus do que em si mesmos.

Perfeito? Não, absolutamente. Ninguém o é. Mas ele me tem dado o exemplo em muitas coisas, e tenho prazer em dizer: Meu pai é um pastor. Na verdade tem sido pastor por 35 anos. E agora que chega à merecida jubilação, vejo-o não como alguém que sai do jogo; mesmo porque o jogo não acabou e ele nunca vai deixar o campo. Vejo-o, sim, como alguém que encerra o trabalho institucional, mas continuará sendo o que sempre foi: um pastor.

Oro a Deus para que meu ministério possa ser tão abençoado quanto o do meu pai. E espero que, um dia, meu filho também diga com a mesma exultação com que digo hoje: Meu pai é um pastor.

*Elmar Borges, pastor no Instituto Adventista Paranaense,
filho do Pastor Décio Borges*

PARA PENSAR

“Um estudante de teologia foi certa vez mandado por um professor para ouvir um famoso pregador, em um fim de semana.

Ao voltar, demonstrava o desagrado sofisticado que estudantes de teologia, às vezes, apresentam, e disse:

“A verdade é que ele não fez nada mais nem menos do que dizer: Vinde a Jesus!”

“E eles vieram?”, perguntou gentilmente o professor.

“Bem, sim, eles vieram”, o estudante respondeu com relutância.

“Eu quero que você volte lá’, disse o professor, ‘e ouça o que esse homem prega, muitas vezes, até que possa dizer: Vinde a Jesus, como ele faz, e as pessoas venham.’” – Leighton Ford

* * * * *

“Quanto mais fraco e impotente vos reconhecerdes, tanto mais forte vos tornareis em sua força. Quanto mais pesados os vossos fardos, tanto mais abençoado o descanso em os lançar sobre vosso Ajudador.”
Ellen White

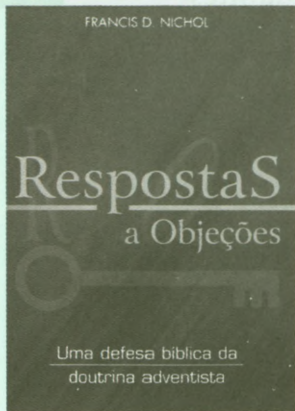
HUMOR

“Preciso reconquistar a atenção do meu esposo. Você tem uma fragrância de computador?”

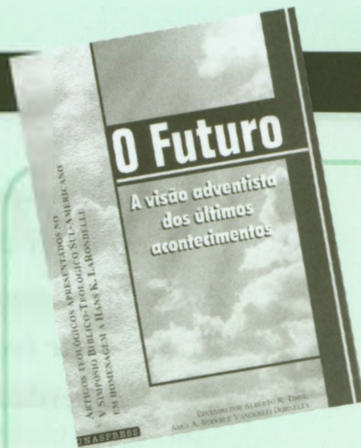


Agencia Pastoral/Clasbergen/Heber Printos

RESPOSTAS A OBJEÇÕES – Francis D. Nichol, Casa Publicadora Brasileira, Caixa Postal 34, CEP 18270-970 Tatuí, SP; Tel.: 0800-990606; 399 páginas.

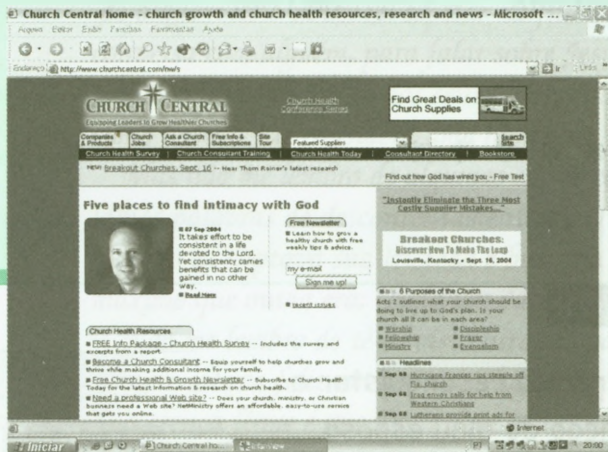


Este livro traz uma defesa equilibrada das doutrinas adventistas distintivas. Responde a 109 objeções levantadas ao longo de anos, envolvendo temas como a lei, o sábado e o santuário, e mostra a verdadeira perspectiva bíblica. O autor, Francis D. Nichol, foi por muitos anos um destacado editor nos Estados Unidos. Entre suas importantes contribuições literárias, destaca-se a sua atuação como editor dos sete volumes do *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*.



O FUTURO: A VISÃO ADVENTISTA DOS ACONTECIMENTOS – Alberto R. Timm, Amin A. Rodor e Vanderlei Dorneles (editores), Unaspres, Engenheiro Coelho, SP; Tel.: (19) 3858-9000, Fax: (19) 3858-9025, e-mail: unaspres@unasp.edu.br; 380 páginas.

Coletânea de palestras apresentadas no V Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano. A presente obra é oferecida ao leitor, na esperança de que a convicção escatológica se torne ainda mais sólida. Sua leitura também contribui para que a antecipação do desdobramentos futuros seja uma fonte de paz e segurança, na medida em que a História avança para seu desfecho glorioso, com a realização da esperança dos séculos: o retorno de Jesus Cristo.



VEJA NA INTERNET

www.churchcentral.com

“Equipando líderes para que as igrejas cresçam saudáveis.” Esse é o lema do site *Church Central*, que oferece textos informativos, pesquisas recentes, matérias de opinião, além de notícias diárias sobre os tópicos que mais interessam aos pastores e líderes religiosos. Na tela de abertura, no canto superior direito, há um campo para pesquisa por assuntos. Mas a busca também pode ser feita por tópicos, observando-se que eles estão agrupados em três categorias, sempre na coluna mais à direita da tela: *Purposes of the Church* (adoração, sociabilidade, ministério, discipulado, oração, evangelismo); *Headlines* (notícias, em ordem cronológica); *Church Health Topics* (arquivo de notícias, finanças da igreja, arquitetura e construção, liderança, organizações de cooperação, tecnologia, jovens). O site está em inglês, mas a qualidade do conteúdo compensa algum esforço. – Márcio Dias Guarda



TODOS OS MILAGRES DA BÍBLIA – Larry Richards, Editora United Press Ltda., Campinas, SP; Fone/fax (19) 3278-3144, www.unitedpress.com.br; 346 páginas.

Deus faz milagres atualmente? Como devemos avaliar as reivindicações contemporâneas de milagres? Neste livro, você encontrará respostas para essas e muitas outras perguntas. O autor combina conhecimento bíblico e histórico com abordagens práticas de todos os milagres da Bíblia. Cada milagre é explicado e esclarecido, bem com suas implicações para o passado e o presente.



Divulgação

O porquê do ministério

Alejandro Bullón

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana

É noite em Brasília. Acabo de retornar de Porto Velho, RO, depois de uma semana movimentada, cansativa, mas intensamente gratificante. A “caravana do poder”, realizada na Associação Amazônia Ocidental, Aamo, foi coroada de êxito, desde qualquer ponto de vista. Até o mês de julho deste ano, o crescimento daquele Campo atingira índice superior a 50% em relação ao mesmo período no ano anterior. E para completar o extraordinário trabalho que os administradores, secretários de departamentos, pastores e membros têm feito, a Aamo exhibe um aumento de quase 25% em dízimos, o que mostra um crescimento sólido.

Entretanto, o que é mais impressionante é ver a igreja feliz, enchendo estádios, auditórios e praças. É compensador ver o povo cantando louvores a Deus, orando e contando as maravilhas que o Espírito Santo está fazendo na vida de milhares de pessoas que estão estudando a Bíblia com os fiéis missionários.

A “Caravana do poder”, ou “Caravana da esperança” (como foi chamada no Peru), não é apenas um evento. Não se trata de uma bonita reunião recheada de cânticos e orações; é a pregação da Palavra de Deus. Não é simplesmente o batismo de 37.300 pessoas, como aconteceu no Peru. A festa existe e tem brilho, espetáculo e colorido. Mas isso é como se fosse apenas o morango ou a cereja em cima do bolo. Se o evangelista está presente, ou não, se existe participação de brilhantes cantores, ou não, o trabalho não deixa de ser feito. Ou seja, independente de haver morango ou cereja para enfeitar, o bolo fica pronto e é servido. As igrejas são mobilizadas e os novos conversos são batizados. Nesta programação, o que realmente importa não é só o que acontece em uma noite ou durante uma semana; mas também o que aconteceu antes e continuará acontecendo depois.

O fundamento deste modelo de programação evangelística é o fato de que a missão não foi dada exclusivamente a um grupo de “profissionais” da pregação, mas a cada crente.

Se o trabalho de pregar o evangelho de qualquer maneira significasse o cumprimento da missão, Deus poderia ter atingido esse objetivo sem a ajuda do ser humano. Mas quando o Senhor confiou a missão à Sua Igreja, não estava pensando simplesmente em dar a conhecer a mensagem, mas fazer isso usando os talentos de cada crente. E isso por uma razão muito simples: o cristão que não testemunha e não conduz pessoas a Cristo, também não pode ter uma experiência espiritual saudável. O primeiro impulso de alguém que foi realmente convertido é correr e comunicar a

outras pessoas o que Jesus fez em sua própria vida. Foi assim com a mulher samaritana e com outros personagens das Escrituras.

Quando um crente perde a vontade de testemunhar, é porque algo errado está acontecendo em sua experiência cristã. É aí que o pastor deve imediatamente buscar ajudá-lo a sair de tal situação.

A grande pergunta que todo pastor deveria responder a si mesmo é a seguinte: Qual a razão pela qual desejo ver todos

os membros da minha igreja comprometidos com a missão? Será que simplesmente quero alcançar um alvo de batismos? Será que desejo apenas me destacar como um bom pastor? Ou será por desejar ver minha igreja saudável, amadurecida e pronta para o encontro com Jesus?

Está chegando o momento em que a noite do mundo terá fim. Não mais haverá dor, nem tristeza, nem morte. Os remidos de todos os povos, nações, tribos e línguas estarão reunidos com vestiduras brancas, coroa em suas fronteiras e palmas em suas mãos. Imagine-se olhando para aquele grupo, e identificar nele muitas pessoas das quais você foi o pastor amoroso, carinhoso e dedicado. Imagine seu coração pulsando, quase explodindo de emoção, ao constatar que elas estão ali no Céu, justamente porque você cumpriu fielmente o seu ministério.

Vale a pena pensar nisso. **M**



*Defenda a doutrina Adventista
usando fortes e convincentes
argumentos bíblicos*

